

Bom dia, Tristeza



FRANÇOISE SAGAN

Exilado dos livros

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Françoise Sagan

1935-2004

BOM DIA, TRISTEZA

Título original francês

BONJOUR TRISTESSE

1954

Tradução

SIENI MARIA CAMPOS

BestBolso

2007

A autora

Françoise Sagan era o pseudônimo (inspirado em personagem de Proust) de Françoise Quoirez, que ficou mundialmente famosa depois de escrever em sete semanas, aos 18 anos, este *Bonjour, tristesse*.



À peine défigurée

*Adieu tristesse,
Bonjour tristesse.
Tu es inscrite dans les lignes du plafond.
Tu es inscrite dans les yeux que j'aime
Tu n'es pas tout à fait la misère,
Car les lèvres les plus pauvres te dénoncent
Par un sourire
Bonjour tristesse.
Amour des corps aimables.
Puissance de l'amour
Dont l'amabilité surgit
Comme un monstre sans corps.
Tête désappointée.
Tristesse beau visage.*

PAUL ELUARD, in *La vie immédiate*

(Adeus, tristeza
Bom dia, tristeza
Estás inscrita nas linhas do teto
Estás inscrita nos olhos que amo
Não és exatamente a miséria
Porque os lábios mais pobres te denunciam
Por um sorriso
Bom dia, tristeza
Amor dos corpos amáveis
Potência do amor
De que surge a amabilidade
Como um monstro sem corpo
Cabeça desapontada
Tristeza, belo rosto.)

Parte I

Sobre esse sentimento desconhecido cujo tédio, cuja doçura me inquietam, hesito em usar o nome, o belo e profundo nome de tristeza. É um sentimento tão completo, tão egoísta, que quase me envergonha, ao passo que a tristeza sempre me pareceu digna. Esta, eu não conhecia, mas sim o tédio, a saudade e, mais raramente, o remorso.

Hoje, algo se dobra sobre mim como uma seda, leve e suave, e me separa dos outros.

Naquele verão, eu tinha 17 anos e era perfeitamente feliz. Os "outros" eram meu pai e Elsa, sua amante. Preciso explicar logo essa situação, que pode parecer equívoca.

Meu pai tinha 40 anos, viúvo havia 15; era um homem jovem, cheio de vitalidade, de possibilidades, e, quando saí do internato, dois anos antes, não conseguia compreender que ele vivesse com uma mulher. Admitia com mais facilidade que ele as trocasse de seis em seis meses! Mas logo sua sedução, essa vida nova e despreocupada, e meu estado de espírito me conduziram a isso. Era um homem volúvel, hábil nos negócios, sempre curioso, que se enfadava com facilidade e também agradava às mulheres.

Não tive qualquer dificuldade de amá-lo, e com ternura, pois ele era bom, generoso, alegre e cheio de afeto por mim. Não consigo imaginar amigo melhor nem mais divertido. Naquele começo de verão, ele levou sua gentileza ao ponto de me perguntar se a companhia de Elsa, sua namorada do momento, me incomodaria durante as férias. Só pude encorajá-lo, pois sabia de sua necessidade de mulheres. Por outro lado, Elsa não nos cansaria. Era uma ruiva alta, às vezes humana, às vezes fútil, que fazia figuração nos estúdios e bares da avenida dos Champs-Élysées. Era gentil, bastante simples e desprovida de pretensões sérias. Estávamos felizes demais com a viagem, meu pai e eu, para fazer objeção ao que quer que fosse. Ele havia alugado, na costa do

Mediterrâneo, uma grande casa de campo, branca, isolada, encantadora, com a qual sonhávamos desde os primeiros dias quentes de junho. Erguia-se num penhasco, dominando o mar, escondida da estrada por um bosque de pinheiros, uma vereda íngreme descia até uma enseada dourada cercada de rochedos avermelhados onde batia o mar.

Os primeiros dias foram deslumbrantes. Passávamos horas na praia, prostrados por conta do calor, adquirindo pouco a pouco uma cor saudável e dourada, com exceção de Elsa, que ficava vermelha e descascava em meio a sofrimentos espantosos. Meu pai se desdobrava para fazer desaparecer um começo de apetite compatível com suas tendências donjuanescas. Desde a aurora, eu já estava na água, uma água fresca e transparente onde eu me refugiava e me esgotava em movimentos desordenados para me livrar de todas as sombras, de todas as poeiras de Paris. Estendia-me na areia, pegava um punhado dela, deixava-a escapar por entre meus dedos num jato amarelado e suave; eu dizia a mim mesma que ela fugia como o tempo, que esta era uma ideia fácil e que era agradável ter ideias fáceis. Era verão.

No sexto dia, vi Cyril pela primeira vez. Ele navegava ao longo da costa num pequeno barco à vela e emborcou diante de nossa enseada. Ajudei-o a recuperar seus pertences e, em meio a nossos risos, soube que se chamava Cyril, que era estudante de Direito e passava as férias com a mãe, numa casa vizinha. Tinha um rosto latino, muito moreno, muito franco, com algo de equilibrado e de protetor que me agradou. E olhe que eu fugia dos estudantes universitários, grosseiros, preocupados consigo mesmos, sobretudo com sua juventude, encontrando nela motivo para um drama ou pretexto para seu tédio. Eu não gostava da juventude. Preferia os amigos de meu pai, homens de 40 anos que se dirigiam a mim com cortesia e ternura, dedicando-me uma doçura de pai e de amante. Mas Cyril me agradou. Era alto e às vezes belo, de uma beleza que inspirava confiança. Sem partilhar com meu pai essa aversão pela feiúra que nos fazia tantas vezes conviver com pessoas estúpidas, eu sentia, diante de pessoas desprovidas de qualquer encanto físico, uma espécie de embaraço, de ausência;

sua resignação a não agradar me parecia uma enfermidade indecente.

Ora, o que procurávamos senão agradar? Não sei ainda hoje se esse gosto pela conquista esconde um excesso de vitalidade, o prazer de dominar ou a necessidade furtiva, inconfessada, de me tranquilizar sobre mim mesma, de ser apoiada.

Quando Cyril me deixou, ofereceu-se para me ensinar navegação à vela. Fui jantar, muito absorta pensando nele, e não participei nada, ou pouco, da conversa; quase nem notei o nervosismo de meu pai. Depois do jantar, recostamo-nos em poltronas no terraço, como todas as noites. O céu estava salpicado de estrelas. Eu as olhava, esperando vagamente que estivessem adiantadas e começassem a estriar o céu com suas quedas. Mas só estávamos no começo de julho, e elas não se mexiam. No cascalho do terraço, as cigarras cantavam. Deviam ser milhares, ébrias de calor e de lua, lançando assim aquele grito estranho durante noites inteiras. Tinham-me explicado que apenas esfregavam suas asas uma contra a outra, mas eu preferia acreditar nesse canto de garganta gutural, instintivo como o dos gatos no cio. Sentíamos-nos bem; apenas os pequenos grãos de areia entre minha pele e minha blusa me defendiam dos doces assaltos do sono. Foi então que meu pai tossiu ligeiramente e se endireitou em sua espreguiçadeira.

— Tenho uma chegada a anunciar-lhes — disse ele. Fechei os olhos com desespero. Estávamos tranquilos demais, aquilo não podia durar! — Diga-nos depressa quem é — gritou Elsa, sempre ávida por acontecimentos sociais.

— Anne Larsen — disse meu pai, e voltou-se para mim. Olhei-o assombrada demais para reagir. — Disse-lhe para vir se estivesse muito cansada com suas coleções, e ela... ela está chegando. Eu nunca teria imaginado. Anne Larsen era uma antiga amiga de minha mãe e tinha poucas relações com meu pai. Entretanto, quando saí do internato, dois anos antes, meu pai, muito atrapalhado com minha presença, me enviara para a casa dela. Em uma semana, ela me havia vestido com gosto e ensinado a viver. Eu lhe dedicara uma admiração apaixonada que ela desviara habilmente para um jovem de suas relações. Devia-lhe, então,

minhas primeiras elegâncias e meus primeiros amores, e era-lhe muito grata. Aos 42 anos, era uma mulher muito sedutora, sofisticada, com um belo rosto orgulhoso e inexpressivo, indiferente. Essa indiferença era o único aspecto que se lhe podia reprovar. Era amável e distante. Tudo nela refletia uma força de vontade constante, uma tranquilidade de espírito que intimidava. Apesar de divorciada e livre, não se sabia que tivesse amantes. Aliás, não tínhamos as mesmas relações: ela convivia com pessoas finas, inteligentes, discretas, e nós, pessoas barulhentas, inquietas, das quais meu pai exigia simplesmente que fossem belas ou engraçadas. Creio que nos desprezava um pouco, a meu pai e a mim, em razão de nossa opção pelas diversões, pelas futilidades, como desprezava qualquer excesso. Apenas nos reuniam jantares de negócios — ela trabalhava com moda e meu pai, com publicidade —, a lembrança de minha mãe e meus esforços, pois, mesmo me intimidando, eu a admirava muito. Mas aquela chegada súbita surgia como um contratempo, considerando a presença de Elsa e as ideias de Anne sobre educação.

Elsa subiu para se deitar depois de milhares de perguntas sobre a condição social de Anne. Fiquei a sós com meu pai e fui sentar-me nos degraus, a seus pés. Ele se inclinou e colocou ambas as mãos em meus ombros: — Por que você está tão calada, meu bem? Está parecendo um gatinho selvagem. Eu gostaria de ter uma linda filha loura, um pouco forte, com olhos de porcelana e... — A questão não é esta — disse eu. — Por que você convidou Anne? E por que ela aceitou? — Para ver o seu velho pai, talvez. Nunca se sabe.

— Você não é o tipo de homem que interesse a Anne — afirmi. — Ela é inteligente demais, tem muita autoestima. E Elsa? Você pensou nela? Você imagina as conversas entre Anne e Elsa? Eu não!

— Não pensei nisso — confessou. — Pensando bem, é espantoso. Cécile, meu bem, e se voltássemos para Paris? Ele ria docemente enquanto me acariciava a nuca. Virei-me e olhei-o. Seus olhos escuros brilhavam, pequenas rugas engraçadas lhe marcavam os cantos, a boca se levantava um pouco. Tinha o ar de um fauno.

Pus-me a rir com ele, como me comportava toda vez que ele se metia em complicações.

— Minha velha cúmplice — disse ele. — Que faria eu sem você?

E o tom de sua voz era tão convicto, tão terno, que compreendi que ele se sentia infeliz. Tarde da noite, falamos do amor e de suas complicações. Aos olhos de meu pai, eram imaginárias. Ele recusava sistematicamente as noções de fidelidade, de gravidade, de compromisso. Explicava-me que eram arbitrárias, estéreis. Vindo de outro, isso me teria chocado. Mas eu sabia que, em seu caso, não excluía a ternura nem o afeto, sentimentos que nasciam com mais facilidade porque ele os queria e os sabia provisórios. Essa concepção me seduzia: amores rápidos, violentos e passageiros. Eu não estava na idade em que a fidelidade seduz. Conhecia pouca coisa do amor: encontros, beijos e aborrecimentos. Anne não chegaria antes de uma semana. Eu estava aproveitando de verdade aqueles últimos dias de férias. Havíamos alugado a casa por dois meses, mas eu sabia que, depois da chegada de Anne, o repouso completo não seria mais possível. Anne dava às coisas um perfil e às palavras um sentido que meu pai e eu deixávamos de bom grado se dissiparem. Ela estabelecia normas de bom gosto, de delicadeza, e não se podia deixar de percebê-las em suas retiradas súbitas, seus silêncios ofendidos, suas expressões. Era algo ao mesmo tempo excitante e cansativo, humilhante no fim das contas, pois eu sentia que Anne tinha razão. No dia de sua chegada, ficou decidido que meu pai e Elsa iriam esperá-la na estação de Fréjus.

Neguei-me veementemente a participar da expedição. Em desespero de causa, meu pai colheu todos os gladiolos do jardim para oferecer-lhe quando descesse do trem. Aconselhei-o apenas a não fazer com que Elsa levasse o buquê. Às três horas, depois de terem partido, descí até a praia. Fazia um calor sufocante. Deitei-me na areia e cochilava quando a voz de Cyril me despertou. Abri os olhos: o céu estava branco, pasmo de calor. Não respondi a Cyril; não estava com vontade de falar com ele, nem com ninguém.

Estava cravada na areia pela força daquele verão, com os braços pesados, a boca seca.

— Você está morta? — perguntou ele. — De longe, você parece um destroço abandonado...

Sorri. Sentou-se a meu lado e meu coração pôs-se a bater fortemente, surdamente, porque, num movimento, sua mão havia roçado meu ombro. Inúmeras vezes, durante a última semana, minhas brilhantes manobras navais nos haviam precipitado ao fundo do mar, abraçados um ao outro, sem que eu sentisse a menor perturbação. Mas, hoje, bastavam esse calor, esse meio-sono, esse gesto desajeitado, para que alguma coisa em mim docemente se rompesse. Virei a cabeça para ele. Olhava-me. Começava a conhecê-lo: era equilibrado, talvez mais correto que o habitual na sua idade. Assim, nossa situação — essa curiosa família a três — o chocava. Era bom demais ou tímido demais para confessar, mas eu sentia isso nos olhares oblíquos, de censura, que lançava a meu pai. Ele gostaria que eu me sentisse atormentada. Mas eu não me sentia, e a única coisa que me atormentava naquele momento eram o seu olhar e as fortes batidas de meu coração. Inclinou-se em minha direção. Revi os últimos dias daquela semana, minha confiança, minha tranquilidade a seu lado, e lamentei a aproximação daquela boca grande e um pouco pesada.

— Cyril — disse eu —, estamos tão felizes... Beijou-me com doçura. Olhei o céu; depois não vi mais do que luzes vermelhas explodindo sob as minhas pálpebras fechadas. O calor, a vertigem, o gosto dos primeiros beijos, os suspiros passavam em longos minutos. Uma buzina nos separou como ladrões. Deixei Cyril sem uma palavra sequer e subi para a casa. Aquele retorno rápido me surpreendia: o trem de Anne ainda não devia ter chegado.

Entretanto, encontrei-a no terraço, descendo de seu próprio carro.

— É a casa da Bela Adormecida? — perguntou ela. — Como você está bronzeada, Cécile! É um prazer vê-la.

— Para mim também — disse eu. — Mas você está chegando de Paris?

— Preferi vir de carro; aliás, estou esgotada.

Levei-a ao seu quarto. Abri a janela na esperança de ver o barco de Cyril, mas ele havia desaparecido. Anne se sentara na cama. Notei pequenas sombras em torno de seus olhos.

— Esta casa é encantadora — suspirou ela. — Onde está o dono dela?

— Foi buscá-la na estação, com Elsa. Eu pusera a mala numa cadeira e, virando-me em sua direção, tive um choque. Seu rosto se havia desfeito bruscamente, a boca tremia. — Elsa Mackenbourg? Ele trouxe Elsa Mackenbourg para cá? Não encontrava resposta. Olhei-a, estupefata. Aquele rosto que eu sempre havia visto tão calmo, tão senhor de si, entregue assim a todo o meu assombro... Ela me olhava fixamente através das imagens que lhe haviam fornecido minhas palavras; viu-me finalmente e desviou a cabeça.

— Eu deveria tê-los avisado — disse ela —, mas estava com tanta pressa de viajar, tão cansada...

— E agora... — continuei de modo mecânico.

— Agora o quê? — perguntou ela. Seu olhar era inquiridor, desdenhoso. Nada havia acontecido.

— Agora, você chegou — disse eu como boba, esfregando as mãos. — Estou muito contente que esteja aqui, sabe? Espero-a lá embaixo; se quiser beber alguma coisa, o bar é perfeito. Saí gaguejando e descí as escadas em meio a uma grande confusão de pensamentos. Por que aquele rosto, aquela voz perturbada, aquele desalento? Sentei-me numa espreguiçadeira, fechei os olhos. Procurei lembrar todos os rostos seguros, tranquilizadores de Anne: a ironia, o desembaraço, a autoridade. A descoberta daquele rosto vulnerável me comovia e me irritava ao mesmo tempo. Ela amava meu pai? Era possível que amasse? Nada nele correspondia a seu gosto. Ele era fraco, frívolo, inconsistente às vezes. Mas talvez fosse apenas o cansaço da viagem, a indignação moral. Passei uma hora levantando hipóteses. Às cinco horas, meu pai chegou com Elsa. Olhei-o descer do carro. Tentava descobrir se Anne podia amá-lo. Caminhou em minha direção, rapidamente com a cabeça um pouco para trás. Sorria. Pensei ser bem possível que Anne o amasse, qualquer mulher poderia amá-lo.

— Anne não apareceu — gritou-me ele. — Espero que não tenha caído pela porta do trem.

— Ela está em seu quarto — disse eu. — Veio de carro.

— Não diga! Que ótimo! Você não tem mais que lhe levar o buquê.

— Você comprou flores para mim? — perguntou Anne. — É muita gentileza. Desceu a escada para encontrá-lo, calma, sorridente, com um vestido que nem parecia ter vindo na bagagem. Pensei com tristeza que ela só descera ao escutar o carro e que poderia tê-lo feito um pouco mais cedo, para conversar comigo; mesmo que fosse sobre os meus exames, em que, aliás, havia sido reprovada! Esta última ideia me consolou. Meu pai se precipitou e beijou-lhe a mão. — Passei um quarto de hora na plataforma da estação com este buquê de flores nos braços e um sorriso estúpido nos lábios. Graças a Deus, você está aqui! Conhece Elsa Mackenbourg? Desviei o olhar. — Acho que já nos encontramos — disse Anne, toda amável...

— Meu quarto é magnífico, você é gentil demais por me ter convidado, Raymond, eu estava muito cansada. Meu pai se agitava. A seus olhos, tudo ia bem. Ele elaborava frases, destampava garrafas. Mas eu via alternadamente o rosto apaixonado de Cyril, o de Anne, e me perguntava se as férias seriam tão simples como proclamava meu pai. Aquele primeiro jantar foi muito alegre. Meu pai e Anne falavam de seus conhecidos comuns, que eram raros mas pitorescos. Diverti-me muito até o momento em que Anne declarou que o sócio de meu pai era idiota. Era um homem que bebia muito, mas que era gentil e com quem havíamos tido, meu pai e eu, jantares memoráveis. Protestei: — Lombard é engraçado, Anne. Eu o acho muito divertido.

— Você há de convir que de fato ele deixa muito a desejar, e mesmo seu humor...

— Ele talvez não tenha uma forma de inteligência comum, mas...

Ela me interrompeu com ar indulgente: — O que você chama de formas de inteligência são apenas as idades. Esse aspecto lapidar e definitivo de sua fórmula me encantou. Para mim, certas

frases criam um clima intelectual, sutil, que me subjuga, mesmo se não lhes percebo o sentido absoluto. Aquela me deu vontade de dispor de um caderninho e um lápis. Disse isso a Anne.

Meu pai estourou de rir: — Pelo menos, você não é rancorosa. Nem poderia ser, pois Anne não era má. Eu a sentia completamente indiferente, seus julgamentos não tinham essa precisão, esse lado agudo da maldade. Eram apenas muito inconvenientes. Naquela primeira noite, Anne não pareceu notar a distração, voluntária ou não, de Elsa, que foi diretamente no quarto de meu pai. Anne me havia trazido um pulôver de sua coleção, mas não me deixou agradecer. Os agradecimentos a aborreciam e, como os meus nunca estavam à altura de meu entusiasmo, não me dava a esse trabalho.

— Acho essa Elsa muito gentil — disse ela, antes que eu saísse. Encarava-me, sem sorrir, procurava em mim uma ideia que lhe importasse destruir. Eu tinha de esquecer sua reação anterior.

— É, é sim, encantadora... uma moça... muito simpática. Eu gaguejava. Ela pôs-se a rir e fui me deitar muito irritada. Adormeci pensando em Cyril, que talvez estivesse dançando com moças em Cannes. Dou-me conta de que esqueço, de que sou forçada a esquecer o principal: a presença do mar, seu ritmo incessante, o sol. Também não me posso lembrar das quatro tílias no pátio de um internato de província, de seu perfume; e do sorriso de meu pai na plataforma da estação, três anos antes, quando saí do internato, aquele sorriso embaraçado porque eu usava tranças e um vestido feio, quase negro. E, no carro, sua explosão de alegria, súbita, triunfante, porque eu tinha seus olhos, sua boca e seria para ele o mais caro, o mais maravilhoso dos brinquedos. Eu não conhecia nada; ele iria me mostrar Paris, o luxo, a vida despreocupada. Acho mesmo que a maior parte de meus prazeres, desde então, devo-os ao dinheiro: o prazer de correr de carro, de ter um vestido novo, de comprar discos, livros, flores.

Ainda não tenho vergonha desses prazeres fáceis, aliás só posso chamá-los de fáceis porque ouvi dizer que o eram. Lamentaria, renegaria mais facilmente meus pesares ou minhas crises místicas. O gosto pelo prazer, pela felicidade, representa o

único lado coerente de minha personalidade. Talvez não tivesse lido o bastante. No internato não se lê, a não ser obras edificantes. Em Paris, não tive tempo de ler: na saída das aulas, os amigos me levavam aos cinemas; não sabia o nome dos atores e isso os surpreendia. Ou a terraços de café ao sol; eu saboreava o prazer de estar misturada à multidão, de beber, de estar com alguém que olha você nos olhos, toma-lhe a mão e o leva a seguir para longe dessa mesma multidão. Andávamos pelas ruas até a minha casa. Ali, ele me atraía para debaixo de um portal e me beijava: eu descobria o prazer dos beijos. Não dou nome a essas lembranças: Jean, Hubert, Jacques... Nomes comuns a todas as mocinhas. À noite, tornava-me mais velha, saía com meu pai para festas que nada tinham a ver comigo, festas bastante ecléticas, nas quais me divertia e divertia também, em razão de minha idade. Quando voltávamos, meu pai me deixava em casa e, na maior parte das vezes, ia levar uma amiga. Eu não o ouvia voltar.

Não insinuo que ele exibisse ostensivamente suas aventuras. Limitava-se a não escondê-las de mim, para ser mais exata, a não me dizer nada de sensato ou de falso para justificar a frequência dos almoços de tal ou qual amiga em casa ou sua instalação completa... felizmente provisória! De qualquer modo, eu não poderia ignorar por muito tempo a natureza de suas relações com as "convidadas"; e ele fazia questão de conservar minha confiança, até porque isso lhe evitava penosos esforços de imaginação. Era uma tática excelente. Seu único defeito foi o de me inspirar por algum tempo um cinismo desabusado em relação ao amor, que, tendo em vista minha idade e minha experiência, devia parecer mais divertido que impressionante. Repetia de bom grado fórmulas lapidares, a de Oscar Wilde, entre outras: "O pecado é o único toque de cor viva que subsiste no mundo moderno." Eu a assumia com uma convicção absoluta, muito mais, é certo, do que se a tivesse posto em prática. Acreditava que minha vida poderia calcar-se nesta frase, inspirar-se nela, dela jorrar com uma ingenuidade perversa: esquecia os tempos mortos, a descontinuidade os bons sentimentos cotidianos. Como ideal, imaginava uma vida de baixezas e torpezas.

Na manhã seguinte, fui acordada por um raio de sol oblíquo e quente, que inundou minha cama e pôs fim aos sonhos estranhos e um pouco confusos em que me debatia.

Meio adormecida, tentei afastar de meu rosto, com a mão, aquele calor insistente, mas acabei desistindo. Eram dez horas. Desci de pijama ao terraço e ali encontrei Anne, que folheava jornais. Notei que estava leve e perfeitamente maquilada. Ela nunca devia permitir-se ter férias de verdade. Como não prestava atenção em mim, instalei-me tranquila num degrau com uma xícara de café e uma laranja e dei início às delícias da manhã: mordida a laranja e um suco doce esguichava em minha boca; um gole de café preto, pelando, logo em seguida, e de novo o frescor da fruta. O sol da manhã aquecia meus cabelos, desfazia em minha pele as marcas do lençol.

Em cinco minutos, iria banhar-me. A voz de Anne me sobressaltou: — Cécile, você não vai comer?

— Prefiro beber de manhã porque...

— Você tem que engordar três quilos para ficar apresentável. Está com o rosto cavado e suas costelas estão aparentes. Vá buscar um pãozinho.

Supliquei que não me obrigasse a comer o pão e ela estava tentando provar que era indispensável quando meu pai apareceu com seu suntuoso roupão — Que cena encantadora! — exclamou ele. — Duas jovencinhas morenas ao sol falando de pãezinhos.

— Há apenas uma jovencinha, infelizmente — disse Anne rindo. — Tenho a sua idade, meu caro Raymond.

Meu pai se inclinou e tomou-lhe a mão. — Sempre tão áspera — disse ele com ternura, e eu vi as pálpebras de Anne baixarem como sob uma carícia imprevista.

Aproveitei para me esquivar. Na escada, cruzei com Elsa. Visivelmente, ela saía da cama, as pálpebras inchadas, os lábios pálidos no rosto escarlata de sol. Quase a fiz parar, quase disse que Anne estava lá embaixo com um rosto cuidado e límpido, que ela iria ficar bronzeada, sem estragos, com moderação. Quase a alertei.

Mas, sem dúvida, ela teria levado a mal: tinha 29 anos, ou seja, 13 menos que Anne, e isso lhe parecia um trunfo imbatível.

Peguei o maiô e corri para o mar. Para a minha surpresa, Cyril já estava lá sentado em seu barco. Veio ao meu encontro, com ar grave, e tomou-me as mãos.

— Queria pedir desculpas por ontem — disse ele. — Foi culpa minha — respondi. Não me sentia nem um pouco embaraçada e seu ar solene me surpreendia.

— Desculpe mesmo — retomou ele, empurrando o barco para o mar.

— Não há o que desculpar — disse eu alegremente. — Há, sim! Eu já estava no bote. Ele estava de pé com água até o meio das pernas, apoiado na borda como na barra de um tribunal. Compreendi que não subiria antes de falar e dispensei-lhe toda a atenção necessária. Conhecia bem o seu rosto, não me enganava. Pensei que ele tinha 25 anos, talvez se considerasse um malandro, e isso me fez rir.

— Não ria — disse ele. — Detestei-me ontem à noite, sabe. Nada a defende contra mim; seu pai, aquela mulher, o exemplo... Se eu fosse o último dos patifes, daria no mesmo; você poderia acreditar em mim como agora... Ele nem se tornava ridículo. Sentia que era bom e estava prestes a me amar e que eu gostaria de amá-lo. Coloquei os braços em torno de seu pescoço, meu rosto contra o dele. Tinha ombros largos, um corpo firme contra o meu.

— Você é um amor, Cyril — murmurei. — Vai ser um irmão para mim. Ele fechou os braços em torno de mim com uma pequena exclamação de raiva e me tirou docemente do barco. Segurava-me apertada contra ele, ereta, com a cabeça em seu ombro. Naquele momento, eu o amava. Na luz da manhã, ele estava tão dourado, tão delicado, tão carinhoso quanto eu; ele me protegia. Quando sua boca buscou a minha, tremi de prazer como ele, e nosso beijo foi sem remorso e sem vergonha, apenas uma profunda busca, entrecortada de murmúrios. Escapei e nadei em direção ao barco, que estava à deriva. Mergulhei meu rosto na água para recompô-lo, refrescá-lo... A água estava verde. Sentia-me invadida por uma felicidade e uma leveza completas. Às onze e meia, Cyril foi embora e meu pai e suas mulheres apareceram na estrada. Ele caminhava entre as duas, apoiando-as, estendendo-lhes alternadamente a

mão com uma espontaneidade e uma naturalidade só dele. Anne estava de roupão: tirou-o com tranquilidade diante de nossos olhares observadores e se deitou. A cintura fina, as pernas perfeitas; contra ela havia apenas uma levíssima flacidez. Isso representava, sem dúvida, anos de cuidados, de atenção; dirigi instintivamente a meu pai um olhar aprovador, com a sobrancelha levantada. Para a minha grande surpresa, ele não me devolveu o olhar, limitou-se a fechar os olhos. A pobre Elsa estava num estado lamentável, cobria-se de óleo. Eu não dava uma semana a meu pai para... Anne virou a cabeça para mim: — Cécile, por que você se levanta tão cedo? Em Paris, ficava na cama até o meio-dia.

— Eu tinha de estudar — respondi. — Isso me paralisava. Ela não sorriu: só sorria quando tinha vontade, nunca por cortesia, como todo mundo.

— E seus exames?

— Reprovada! — disse eu com entusiasmo. —

Completamente reprovada!

— Você tem de passar em outubro, de qualquer maneira.

— Por quê? — interveio meu pai. — Eu nunca tive diploma. E levo uma vida magnífica.

— Você tinha alguma fortuna para começar — lembrou Anne.

— Minha filha encontrará sempre homens que a sustentem — disse meu pai com nobreza. Elsa começou a rir e parou diante de nossos olhares. — Ela tem de estudar nestas férias — disse Anne fechando os olhos para encerrar a conversa. Dirigi um olhar desesperado a meu pai. Ele me respondeu com um ligeiro sorriso embaraçado. Imaginei-me diante de páginas de Bergson, com aquelas linhas negras que me saltavam aos olhos, e o riso de Cyril lá embaixo... A ideia me apavorou. Arrastei-me até Anne, chamei-a em voz baixa. Abriu os olhos. Inclinei sobre ela um rosto inquieto, suplicante, acentuando ainda mais as faces cavadas para ficar com ar de intelectual estressada.

— Anne — disse eu —, você não vai me obrigar a isso, fazer-me estudar com este calor... estas férias podem me fazer tão bem... Ela me olhou fixamente por um instante, depois sorriu com ar misterioso, desviando a cabeça.

— Eu deveria obrigá-la a "isso"... mesmo com este calor, como você diz. Você só ficaria zangada comigo durante dois dias, eu a conheço, e passaria nos exames.

— Há coisas com as quais ninguém se acostuma — disse sem achar graça. Ela me lançou um olhar divertido e insolente. Então, voltei a me deitar na areia, cheia de inquietações. Elsa tagarelava sobre as festividades do litoral. Mas meu pai não a escutava: colocado no vértice do triângulo feito por seus corpos, ele se dirigia ao perfil virado de Anne, às suas costas, olhares um pouco fixos, impávidos, que eu reconhecia. Sua mão se abria e se fechava sobre a areia num gesto suave, regular, incansável. Corri para o mar, mergulhei lamentando pelas férias que teríamos podido ter e que não teríamos. Tínhamos todos os elementos de um drama: um sedutor, uma quasemundana e uma mulher inteligente. Entrevi no fundo do mar uma concha encantadora, de cor rosa e azulada; mergulhei para apanhá-la, conservei suave e gasta em minha mão até a hora do almoço. Decidi que era um amuleto e que não o abandonaria durante todo o verão. Não sei como não o perdi, pois perco tudo. Está em minha mão hoje, rosa e morna, ela me dá vontade de chorar.

E o que mais me assombrou, nos dias seguintes, foi a extrema gentileza de Anne para com Elsa. Não pronunciou uma vez sequer, depois das numerosas bobagens que ilustravam sua conversa, uma daquelas frases breves cujo segredo detinha e que teriam coberto a pobre Elsa de ridículo. Eu a louvava no íntimo por sua paciência, sua generosidade, não me dava conta de que a habilidade ali se fazia presente, intimamente misturada. Meu pai ter-se-ia cansado depressa desse joguinho algo feroz. Ele, ao contrário, lhe era grato e não sabia o que fazer para exprimir sua gratidão. Essa gratidão não era, aliás, mais que um pretexto. Sem dúvida, ele se dirigia a ela como a uma mulher muito respeitada, como a uma segunda mãe de sua filha: até usava essa cartada sempre com ar de me colocar sob os cuidados de Anne, de torná-la um pouco responsável pelo que eu era, como para torná-la mais próxima, para ligá-la a nós mais estreitamente. Mas ele tinha para ela olhares e gestos que se dirigiam à mulher que não se conhece e

que se deseja conhecer — no prazer. Essas atenções que eu surpreendia às vezes em Cyril e que me davam ao mesmo tempo vontade de fugir dele e de provocá-lo. Nesse aspecto, eu devia ser mais influenciável que Anne; ela demonstrava para com meu pai uma indiferença e uma gentileza serena que me tranquilizavam. Eu chegava a pensar que me havia enganado no primeiro dia, não percebia que aquela gentileza, sem a menor dúvida, excitava meu pai ao máximo. E sobretudo seus silêncios... seus silêncios tão naturais, tão elegantes. Eles formavam com o tititi incessante de Elsa uma espécie de antítese, como o sol e a sombra.

Pobre Elsa... ela não suspeitava mesmo de nada, continuava exuberante e agitada, sempre tão maltratada pelo sol. Um dia, no entanto, ela deve ter compreendido, talvez interceptado um olhar de meu pai; eu a vi antes do almoço murmurar alguma coisa em seu ouvido: por um instante, ele teve uma expressão contrariada, depois aquiesceu sorrindo.

Na hora do café, Elsa se levantou e, tendo chegado à porta, voltou-se para nós com um ar lânguido, muito inspirado. Pareceu-me como se estivesse no cinema americano, pondo em sua entonação dez anos de galanteria francesa: — Você vem, Raymond? Meu pai se levantou, quase enrubesceu e seguiu-a falando dos benefícios da sesta. Anne não se havia mexido. Seu cigarro queimava na ponta de seus dedos. Senti-me na obrigação de dizer alguma coisa: — As pessoas dizem que a sesta é muito repousante, mas eu acho que esta é uma ideia falsa... Interrompi a frase de imediato, consciente de sua ambiguidade.

— Por favor — disse Anne num tom seco. Anne nem sugeriu ambiguidade. Percebeu logo a brincadeira de mau gosto. Olhei-a. Mostrava um rosto voluntariamente calmo e relaxado que me comoveu. Talvez, naquele momento, ela invejasse Elsa com ardor. Para consolá-la, ocorreu-me uma ideia cínica que me encantou como todas as ideias cínicas que eu podia ter: isso me dava uma espécie de segurança, de cumplicidade comigo mesma, inebriante. Não pude me impedir de exprimi-la em voz alta: — Observe que, com as queimaduras de sol de Elsa, esse tipo de sesta não deve ser

muito divertido, para nenhum dos dois. Melhor teria sido ficar calada.

— Detesto esse tipo de reflexão — disse Anne. — Em sua idade, é mais que estúpido: é lamentável.

Irritei-me subitamente: — Disse isso de brincadeira, desculpe. Tenho certeza de que, no fundo, eles estão muito contentes. Ela dirigiu a mim uma feição exasperada. Pedi-lhe perdão de imediato. Ela fechou de novo os olhos e começou a falar com voz baixa, paciente: — Você tem uma ideia do amor um pouco simplista. Não se trata de uma série de sensações independentes umas das outras... Pensei então que todos os meus amores tinham sido assim. Uma emoção repentina diante de um rosto, um gesto, um beijo... Bons momentos, sem coerência, eram toda a lembrança que me restava.

— É outra coisa — dizia Anne. — Existem a ternura constante, a doçura, a saudade... Coisas que você não pode compreender. Fez um gesto evasivo com a mão e pegou o jornal. Teria gostado que ela se zangasse, que saísse daquela indiferença resignada diante de minha carência sentimental. Pensei que tinha razão, que eu vivia como um animal, ao bel-prazer dos outros, que era pobre e fraca. Eu me desprezava e isso era horrivelmente doloroso porque não estava acostumada, não me julgando, por assim dizer, nem bem nem mal. Subi para o meu quarto. Devaneava. Os lençóis estavam mornos sob o meu corpo, eu ainda escutava as palavras de Anne: "É outra coisa, é uma saudade". Algum dia eu já havia sentido saudade de alguém? Não me lembro mais dos incidentes daqueles 15 dias. Já disse, eu não queria ver nada de preciso, de ameaçador. Do resto das férias, por certo, lembro-me com muita exatidão, pois dediquei-lhe toda a minha atenção, todas as minhas possibilidades. Mas aquelas três semanas, aquelas três semanas felizes, em suma...

Qual foi o dia em que meu pai olhou ostensivamente para a boca de Anne, em que lhe reprovou em voz alta a indiferença fingindo brincar? Aquele em que comparou sem sorrir sua sutileza com a semi-idiotice de Elsa? Minha tranquilidade repousava na ideia tola de que eles se conheciam há 15 anos e, se tivessem de se

amar, teriam começado mais cedo. "E", me dizia eu, "se isso acontecer, meu pai ficará apaixonado três meses e Anne conservará algumas lembranças queridas e um pouco de humilhação". Não sabia, por acaso, que Anne não era uma mulher que se pudesse abandonar assim? Mas Cyril estava lá e bastava aos meus pensamentos. Íamos juntos com frequência às boates de Saint-Tropez, dançávamos ao som dos lamentos de uma clarineta dizendo-nos palavras de amor que eu esquecia no dia seguinte, mas bastante ternas na própria noite. De dia, velejávamos próximo à costa. Às vezes, meu pai nos acompanhava. Ele gostava muito de Cyril, sobretudo depois que este o havia deixado ganhar uma disputa de crawl. Chamava-o de "meu pequeno Cyril", Cyril chamava-o de "senhor", mas eu me perguntava qual dos dois era o adulto. Certa tarde, fomos tomar chá na casa da mãe de Cyril. Era uma velha senhora tranquila e sorridente que nos falou de suas dificuldades de viúva e de suas dificuldades de mãe. Meu pai se apiedou, dirigiu a Anne olhares de reconhecimento, fez numerosos elogios à senhora. Devo admitir que ele nunca temia perder seu tempo. Anne assistia à cena com um sorriso amável.

Na volta, ela qualificou a senhora de encantadora. Estourei em imprecações contra as velhas senhoras daquele tipo. Eles lançaram para mim um sorriso indulgente e divertido que me deixou fora de mim: — Vocês não percebem que ela está contente consigo mesma? — gritei. — Que ela se felicita por sua vida porque tem um sentimento do dever cumprido e...

— Mas é verdade — disse Anne. — Ela cumpriu com seus deveres de mãe e esposa, segundo a expressão...

— E seu dever de puta? — perguntei.

— Não gosto de grosserias — disse Anne —, nem mesmo das paradoxais.

— Mas não é paradoxal. Ela se casou como todo mundo se casa, por desejo ou porque se age assim. Teve um filho. Você sabe como se fazem os filhos?

— Sem dúvida não tão bem quanto você — ironizou Anne —, mas tenho algumas noções.

— Então criou esse filho. Poupan-se provavelmente das angústias, das perturbações do adultério. Teve a mesma vida que milhares de mulheres e se orgulha disso, entendem? Está na situação de uma jovem esposa e mãe acomodada, e não fez nada para sair dela. Ela se vangloria de não ter feito nem isso nem aquilo, e não de ter realizado alguma coisa.

— Isso não faz muito sentido — disse meu pai.

— Mas é uma farsa — respondi exaltada. — A gente se diz depois: "Cumprí com meu dever" porque não faz nada. Se ela tivesse se tornado uma mulher da vida tendo nascido no meio em que nasceu, aí, sim, teria sido meritório.

— Você tem ideias modernas, mas sem valor — disse Anne. Talvez fosse verdade. Eu acreditava no que dizia, mas era verdade que o tinha ouvido dizer. No entanto, minha vida e a de meu pai sustentavam aquela teoria, e Anne me ofendia ao despezá-la. Pode-se estar tão preso à futilidade como a outras coisas. Mas Anne não me considerava um ser pensante. De repente, parecia-me urgente, primordial, tirá-la do engano. Não sabia que a ocasião me seria oferecida tão cedo nem que saberia aproveitá-la. Aliás, eu admitia de bom grado que, dentro de um mês, teria sobre tal coisa uma opinião diferente e que minhas convicções não durariam. Como eu poderia ser uma grande alma?

Então, um dia, foi o fim. Certa manhã, meu pai decidiu que iríamos passar a noite em Cannes, jogar e dançar. Lembro-me da alegria de Elsa. No clima familiar dos cassinos, julgava poder recuperar sua personalidade de mulher fatal um pouco atenuada pelas queimaduras de sol e pela semissolidão em que vivíamos. Contrariamente às minhas previsões, Anne não se opôs a essas mundanidades; pareceu até bem contente.

Foi então, sem inquietações, que logo depois do jantar subi para o meu quarto a fim de pôr um vestido de noite, aliás o único que possuía. Meu pai o havia escolhido; era de um tecido exótico, um pouco exótico demais para mim, sem dúvida, pois meu pai, por gosto, ou por hábito, me vestia de bom grado de mulher fatal. Encontrei-o lá embaixo, resplandecente num smoking novo, e passei-lhe o braço em torno do pescoço.

— Você é o homem mais lindo que conheço.

— Sem contar Cyril — disse ele sem convicção. — E você é a moça mais bonita que conheço.

— Depois de Elsa e Anne — disse, sem acreditar no que dizia.

— Já que elas não estão aqui e que se permitem fazer-nos esperar, venha dançar com seu velho pai e seus reumatismos.

Eu reencontrava a euforia que precedia nossas saídas. Ele não tinha realmente nada de um velho pai. Dançando, respirei seu perfume familiar de água-de-colônia, de calor, de tabaco. Ele dançava no ritmo, com os olhos semicerrados, um pequeno sorriso feliz, irreprimível como o meu, no canto dos lábios.

— Você deveria me ensinar o bebop — disse ele, esquecendo seus reumatismos.

Parou de dançar para acolher com um murmúrio instintivo e elogioso a chegada de Elsa. Ela descia as escadas lentamente em seu vestido verde, com um sorriso atrevido, seu sorriso de cassino. Havia explorado ao máximo seus cabelos ressecados e a pele queimada de sol, mas o resultado era mais meritório que brilhante. Felizmente, ela parecia não perceber.

— Vamos? — Anne ainda não desceu — disse eu.

— Suba para ver se ela está pronta — pediu meu pai. — Quando chegarmos a Cannes, já será meia-noite. Subi os degraus atrapalhando-me com meu vestido e bati à porta de Anne. Gritou-me que entrasse. Parei no umbral. Ela usava um vestido cinza, de um cinza extraordinário, quase branco, luminoso, como, certos tons do mar na aurora. Naquela noite, todo o charme da maturidade parecia reunido nela.

— Magnífico! — exclamei. — Oh! Anne, que vestido! Ela sorriu no espelho como se sorri para alguém que se vai deixar.

— O cinza é lindo — disse ela. — Você é que é linda — corrigi. Ela me pegou pela orelha e me olhou. Tinha olhos azul-escuros. Vi-a iluminar-se, sorrir. — Você é uma mocinha gentil, embora às vezes cansativa. Passou diante de mim sem comentar meu próprio vestido, o que me alegrava e me mortificava ao mesmo tempo. Desceu as escadas na frente e vi meu pai vir ao seu encontro. Parou no pé da escada, com o pé no primeiro degrau, o

rosto levantando em sua direção. Elsa também a olhava descer. Lembro-me exatamente da cena: no primeiro plano, diante de mim, a nuca dourada, os ombros perfeitos de Anne; um pouco mais abaixo, o rosto deslumbrado de meu pai, sua mão estendida e, já ao longe, a silhueta de Elsa.

— Anne — disse meu pai —, você está extraordinária. Ela lhe sorriu passando para pegar seu mantô. — Nós nos encontramos lá — disse ela. — Cécile, você vem comigo? Deixou-me dirigir. A estrada era tão bela de noite que eu ia devagar. Anne não dizia nada. Nem parecia notar os trompetes enlouquecidos do rádio. Quando o conversível de meu pai nos ultrapassou, numa curva, ela não pestanejou. Eu já me sentia fora do páreo diante de um espetáculo no qual não podia mais intervir.

No cassino, graças às manobras de meu pai, perdemo-nos logo que chegamos. Vi-me no bar com Elsa e um de seus conhecidos, um sul-americano meio bêbado. Ele fazia teatro e, apesar de seu estado, continuava interessante pela paixão que lhe dedicava. Passei uma hora agradável com ele. Mas Elsa se entediava. Ela conhecia um ou dois monstros sagrados, mas a técnica não lhe interessava. De repente, perguntou-me onde estava meu pai, como se eu pudesse saber algo a esse respeito, e se afastou. O sul-americano pareceu entristecido por um instante, mas outro uísque o reanimou. Eu não pensava em nada, estava em plena euforia, tendo participado por delicadeza de sua embriaguez. A situação se tornou ainda mais engraçada quando ele quis dançar. Eu era obrigada a segurá-lo pela cintura e a retirar meus pés de sob os seus, o que exigia muita energia. Ríamos tanto que, quando Elsa bateu em meu ombro e vi seu ar de Cassandra, quase a mandei para o inferno.

— Não consigo encontrá-lo — disse ela. Tinha um rosto consternado; o pó de arroz havia desaparecido, deixando-a brilhosa, suas feições estavam transtornadas. Estava com um aspecto lamentável. De repente, senti muita raiva de meu pai. Era de uma falta de educação inconcebível. — Ah! Sei onde eles estão — disse eu sorrindo, como se se tratasse de uma coisa muito natural e na qual ela também tivesse condições de pensar sem

problema. — Já volto. Privado de meu apoio, o sul-americano caiu nos braços de Elsa e pareceu sentir-se bem ali. Pensei com tristeza que ela era mais opulenta que eu e que não podia me aborrecer por isso. O cassino era grande: percorri-o duas vezes sem resultado. Revistei os terraços e pensei, por fim, no carro.

Levei algum tempo para encontrá-los no parque. Estavam lá. Cheguei por trás e entrevi-os através do vidro.

Vi seus perfis muito próximos e graves, estranhamente belos sob a luz artificial. Olhavam-se, deviam estar falando em voz baixa, eu vi o movimento de seus lábios. Tinha vontade de ir embora, mas a lembrança de Elsa me fez abrir a porta. A mão de meu pai estava sobre o braço de Anne, eles quase nem me olharam. — Estão se divertindo? — perguntei educadamente. — O que há? — disse meu pai com ar irritado. — O que você está fazendo aqui? — E você? Elsa o está procurando por toda parte há uma hora.

Anne virou a cabeça para mim, lentamente, como a contragosto: — Nós vamos para casa. Diga-lhe que fiquei cansada e que seu pai me levou de volta. Quando tiverem se divertido bastante, você voltará com meu carro.

A indignação me fazia tremer, não conseguia mais encontrar palavras. — Quando tiverem se divertido bastante! Mas vocês não percebem! É revoltante!

— O que é revoltante? — perguntou meu pai com assombro. — Você traz uma moça ruiva para o mar, sob um sol que ela não aguenta, e, quando está toda descascada, você a abandona. É fácil demais! O que vou dizer a Elsa? Anne se virara para ele, com ar cansado. Eu chegava ao limite da exasperação: — Eu vou... vou dizer que meu pai encontrou outra dama com quem dormir e que ela dançou, é isso?

A exclamação de meu pai e a bofetada de Anne foram simultâneas. Tirei precipitadamente a cabeça da porta. Doera.

— Peça desculpas — disse meu pai. Permaneci imóvel perto da porta, num grande turbilhão de pensamentos. As atitudes nobres sempre me vêm à mente tarde demais.

— Venha cá — disse Anne. Ela não parecia ameaçadora, e eu me aproximei. Colocou a mão sobre o meu rosto e falou-me com

suavidade, lentamente, como se eu fosse um pouco boba: — Não seja má; lamento muito por Elsa. Mas você é delicada o bastante para contornar isso da melhor maneira possível. Amanhã conversaremos. Machuquei muito você?

— Imagine — disse eu, educadamente. Aquela súbita doçura e meu excesso de violência anterior me davam vontade de chorar. Olhei-os partir, senti-me completamente esvaziada. Meu único consolo era a ideia de minha própria delicadeza. Retornei a passos lentos para o cassino, onde reencontrei Elsa, com o sul-americano agarrado a seu braço.

— Anne sentiu-se mal — disse eu, com ar frívolo. — Papai teve de levá-la para casa. Vamos beber alguma coisa? Ela me olhava sem responder. Tentei um argumento convincente.

— Anne teve náuseas — disse eu. — Foi horrível, seu vestido estava todo sujo.

Aquele detalhe me parecia de uma veracidade gritante, mas Elsa pôs-se a chorar baixinho, tristemente. Desamparada, olhei-a.

— Cécile — disse ela. — Oh! Cécile, nós estávamos tão felizes...

Seus soluços recrudesceram. O sul-americano também começou a chorar, repetindo: "Nós estávamos tão felizes, tão felizes." Naquele momento, detestei Anne e meu pai. Teria feito qualquer coisa para impedir a pobre Elsa de chorar, seu rímel de escorrer, aquele sul-americano de soluçar.

— O assunto não está encerrado, Elsa. Volte comigo.

— Voltarei em breve para pegar as minhas malas — soluçou ela.

— Adeus, Cécile, nós nos dávamos tão bem! Nunca havia falado com ela mais que sobre o tempo ou a moda. No entanto, parecia que eu estava perdendo uma velha amiga. Dei meia-volta e corri até o carro. Amanhã seguinte foi penosa, sem dúvida por causa dos uísques da véspera. Acordei atravessada na cama, no escuro, com a boca pesada, os membros perdidos numa umidade insuportável. Um raio de sol atravessava as fendas da veneziana, grãos de poeira subiam por ele em fileiras cerradas. Não sentia desejo nem de me levantar, nem de ficar na cama. Perguntava-me

se Elsa voltaria, que aspecto teriam Anne e meu pai naquela manhã. Forçava-me a pensar neles com a finalidade de me levantar sem dar pelo esforço. Consegui finalmente, dei por mim sobre os ladrilhos frescos do quarto, dolente, atordoada. O espelho me oferecia um triste reflexo, ao qual me agarrava: olhos dilatados, boca inchada, aquele rosto desconhecido, o meu... Podia eu ser fraca e covarde por causa daqueles lábios, daquelas proporções, daqueles odiosos e arbitrários limites? E se eu era limitada, por que sabê-lo de uma forma tão clara, tão contrária a mim mesma? Divertia-me detestando, odiando aquele rosto de lobo, cavado e amarfanhado pela orgia.

Pus-me a repetir esta palavra orgia, surdamente, olhando-me nos olhos, e, de repente, me peguei sorrindo. Grande orgia: alguns infelizes tragos, uma bofetada e soluços. Escovei os dentes e descii. Meu pai e Anne já se encontravam no terraço, sentados perto um do outro diante da bandeja do café da manhã. Dirigi-lhes um vago bom-dia e sentei-me em frente a eles. Por pudor, não ousava encará-los. Depois seu silêncio me forçou a levantar os olhos. Anne estava com as feições marcadas, único sinal de uma noite de amor. Os dois sorriam, com ar feliz. Isso me impressionou: a felicidade sempre me pareceu uma ratificação, uma vitória.

— Dormiu bem? — perguntou meu pai.

— Mais ou menos — respondi. — Tomei uísque demais ontem à noite.

Servi-me uma xícara de café, provei, mas logo a recoloquei na mesa. Havia um tipo de virtude e de espera em seu silêncio que me causava embaraço. Eu estava cansada demais para suportá-la por muito tempo.

— O que há? Vocês estão com um ar misterioso. Meu pai acendeu um cigarro com um gesto que tencionava ser tranquilo. Anne me olhava, com evidente embaraço pela primeira vez.

— Gostaria de lhe pedir uma coisa — disse ela, por fim. Imaginei o pior: — Uma nova missão junto a Elsa? Ela desviou o rosto, voltando-se para o meu pai: — Seu pai e eu gostaríamos de nos casar — disse ela. Olhei-a fixamente, depois para meu pai. Por um minuto, esperei dele um sinal, uma piscada de olhos, que me

teria ao mesmo tempo indignado e tranquilizado. Ele olhava para as próprias mãos. Eu dizia a mim mesma: "Não é possível"; mas já sabia que era verdade.

— É uma boa ideia — disse para ganhar tempo. Não conseguia compreender: meu pai, tão ferrenhamente oposto ao casamento, aos grilhões, decidido numa noite... Aquilo mudava toda a nossa vida. Perdíamos a independência. Vislumbrei, então, nossa vida a três, uma vida subitamente equilibrada pela inteligência, pelo refinamento de Anne, essa vida que eu lhe invejava. Amigos inteligentes, delicados, noites felizes, tranquilas... Desprezei, de súbito, os jantares tumultuados, os sul-americanos, as Elsas. Um sentimento de superioridade, de orgulho, me invadia.

— É uma ideia muito, muito boa— repeti, e sorri para eles.

— Minha gatinha, eu sabia que você ficaria contente — disse meu pai. Ele estava calmo, encantado. Redesenhado pelo cansaço do amor, o rosto de Anne me parecia mais acessível, mais terno do que nunca.

— Venha cá, minha gatinha — disse meu pai. Ele me estendia as duas mãos, me atraía contra ele, contra ela. Eu estava ajoelhada diante deles, eles me olhavam com uma doce emoção, me acariciavam a cabeça. Quanto a mim, não parava de pensar que minha vida talvez estivesse sofrendo uma reviravolta naquele momento, mas que, para eles, eu não passava, com efeito, de um gato, um pequeno animal afetuoso. Sentiam-se unidos por um passado, um futuro, vínculos que eu não conhecia, que não podiam me deter. Voluntariamente, fechei os olhos, pousei a cabeça em seus joelhos, ri com eles, retomei meu papel. Afinal, eu não estava feliz? Anne era muito boa pessoa, eu não lhe conhecia qualquer mesquinharia. Ela me guiaria, me desobrigaria de minha própria vida, me indicaria em todas as circunstâncias o caminho a seguir. Eu me tornaria realizada, meu pai também. Meu pai se levantou para ir buscar uma garrafa de champanhe. Eu estava enfasiada. Ele estava feliz, isso era o principal, mas, com bastante frequência, eu o via feliz por causa de uma mulher...

— Eu tinha um pouco de medo de você — disse Anne.

— Por quê? — perguntei. Pelo que ela dizia, eu imaginava que meu veto teria podido impedir o casamento de dois adultos.

— Temia que você tivesse medo de mim — disse ela, e pôs-se a rir. Também pus-me a rir, pois, de fato, tinha um pouco de medo dela. Fazia-me ver ao mesmo tempo que o sentia e que era inútil. — Não lhe parece ridículo esse casamento de velhos?

— Vocês não são velhos — disse com toda a convicção necessária, pois, com uma garrafa nos braços, meu pai voltava valsando. Estava sentado perto de Anne, o braço nos ombros dela. Ela fez um movimento de corpo em sua direção que me fez baixar a vista. Era, sem dúvida, por isso que ela se casaria com ele: por seu riso, por aquele braço forte e tranquilizador, por sua vitalidade, seu calor. Quarenta anos, o medo da solidão, talvez os últimos apelos dos sentidos... eu nunca pensara em Anne como mulher, mas como uma entidade: eu vira nela a segurança, a elegância, a inteligência, mas nunca a sensualidade, a fraqueza... Compreendia que meu pai estivesse orgulhoso: a altiva e indiferente Anne Larsen o desposava. Ele a amava, poderia amá-la por muito tempo? Podia eu diferenciar essa ternura da que ele sentia por Elsa? Fechei os olhos, o sol me entorpecia. Nós três estávamos no terraço, cheios de reticências, de temores secretos e de felicidade.

Elsa não voltou por alguns dias. Uma semana passou-se muito depressa. Sete dias felizes, agradáveis, os únicos. Fazíamos complicados planos de decoração, horários. Meu pai e eu nos comprazíamos a criá-los comprimidos, difíceis, com a inconsciência dos que nunca os conheceram.

Aliás, algum dia, teríamos acreditado neles? Ir almoçar todos os dias no mesmo lugar, jantar em casa, depois lá ficar, meu pai acreditava que fosse deveras possível? Entretanto, ele enterrava alegremente a boemia, pregava a ordem, a vida comedida, elegante, organizada. Sem dúvida, tudo aquilo não passava, para ele como para mim, de construções do espírito. Conservei daquela semana uma lembrança que tenho prazer de esmiuçar hoje, torturando-me. Anne estava calma, confiante, plena de uma grande doçura: meu pai a amava. Eu os via descer de manhã abraçados, rindo juntos, com olheiras, e eu teria gostado, juro, que aquilo

durasse a vida toda. De noite, descíamos com frequência até a costa, para tomar aperitivos numa calçada de bar. Em todos os lugares aonde íamos, tomavam-nos por uma família unida, normal, e eu, acostumada a sair sozinha com meu pai e a colher sorrisos, olhares de malícia ou de piedade, me alegrava por retornar a um papel próprio da minha idade. O casamento devia acontecer em Paris, no fim do verão. O pobre Cyril não vira sem um certo assombro nossas transformações internas. Mas aquele desfecho legal o alegrava. Velejávamos juntos, beijávamo-nos ao sabor de nossos desejos e, às vezes, enquanto ele comprimia sua boca contra a minha, eu revia o rosto de Anne, sua expressão matinal docemente cansada, uma certa lentidão, uma indolência feliz que o amor emprestava a seus gestos, e a invejava. Os beijos se esgotam e, sem dúvida, se Cyril tivesse me amado menos, eu teria me tornado sua amante naquela semana. As seis horas, retornando das ilhas, Cyril puxava o barco para a areia. Íamos para casa pelo bosque de pinheiros e, para nos aquecer, inventávamos jogos de índios, corridas de competição. Ele me alcançava regularmente antes da casa, abatia-se sobre mim gritando vitória, rolava-me nas agulhas dos pinheiros, algemava-me, beijava-me.

Ainda me lembro do gosto daqueles beijos ofegantes, ineficazes, e do barulho do coração de Cyril contra o meu em consonância com o quebrar das ondas na areia... Um, dois, três, quatro batimentos de coração e um doce barulho sobre a areia, um, dois, três... um: ele retomava o fôlego, seu beijo se fazia preciso, cerrado, eu não escutava mais o barulho do mar, mas em meus ouvidos o fluxo rápido e contínuo de meu próprio sangue. Certa tarde, a voz de Anne nos separou. Cyril estava deitado junto a mim, estávamos seminus sob a luz cheia de vermelhos e sombras do poente, e compreendo que isso possa ter enganado Anne. Ela pronunciou meu nome num tom breve. Cyril se levantou de um salto, envergonhado, é claro. Levantei-me em seguida, mais devagar, olhando para Anne. Ela se voltou para Cyril e disse-lhe suavemente, como se não o estivesse vendo: — Espero não vê-lo mais — disse apenas.

Ele não respondeu, inclinou-se sobre mim e me beijou o ombro, antes de se afastar. Aquele gesto me surpreendeu e me comoveu como um compromisso. Anne me olhava fixamente, com aquele seu ar grave e indiferente, como se pensasse noutra coisa. Aquilo me irritou: se ela estivesse pensando noutra coisa, estava errada por falar tanto. Andei em sua direção fingindo um ar embaraçado, por pura delicadeza. Ela retirou instintivamente uma agulha de pinheiro de meu pescoço e pareceu olhar-me de fato. Vi-a adquirir sua bela máscara de desprezo, aquela expressão de cansaço e desaprovação que a tornava bela ao extremo e me dava um pouco de medo: — Você deveria saber que esse gênero de distrações em geral termina numa clínica — disse ela.

Dirigia-se a mim de pé, olhando-me nos olhos, e isso me incomodava ao máximo. Ela era dessas mulheres que podem falar, diretas, sem se mover; para mim, era preciso uma poltrona, o apoio de um objeto para segurar, de um cigarro, de minha perna para balançar...

— Faça-me o favor de não revê-lo — disse ela como se acreditasse numa mentira. — Não proteste: você tem 17 anos, sou um pouco responsável por você agora e não permitirei que estrague sua vida. Aliás, você tem de estudar, isso ocupará suas tardes. Deu-me as costas e voltou para casa com seu passo displicente. A consternação me paralisou. Ela dizia o que pensava: meus argumentos e minhas contestações seriam acolhidos com aquela forma de indiferença pior que o desdém, como se eu não existisse, como se fosse algo a reduzir e não eu. Cécile, que ela conhecia desde sempre, eu, em suma, que ela teria feito sofrer por punir assim. Minha única esperança era meu pai. Ele reagiria como de costume: "Quem é esse rapaz, minha gatinha? É bonito e sadio pelo menos? Cuidado com os patifes, minha filhinha." Era preciso que ele reagisse nesse sentido, senão minhas férias estariam acabadas. O jantar passou como um pesadelo. Em nenhum momento Anne me disse: "Não contarei nada a seu pai, não sou delatora, mas você vai me prometer estudar direito." Esse tipo de tática lhe era estranho. Eu me alegrava e tinha-lhe raiva ao mesmo tempo, pois isso me teria permitido desprezá-la. Evitou esse passo em falso como todos

os outros e foi só depois da sopa que ela pareceu lembrar-se do incidente. — Gostaria que você desse alguns conselhos prudentes à sua filha, Raymond. Encontrei-a no bosque de pinheiros com Cyril, esta tarde, e eles pareciam no sétimo céu. Meu pai tentou levar na brincadeira, coitado...

— O que você está dizendo? Que faziam eles?

— Eu o beijava — gritei com ardor. — Anne pensou...

— Não pensei nada — cortou ela. — Mas acho que seria bom que ela deixasse de vê-lo por algum tempo e que estudasse um pouco mais de filosofia.

— Coitadinha — disse meu pai. — Esse Cyril é um bom rapaz, pelo menos?

— Cécile também é uma boa moça — disse Anne. — Por isso eu ficaria desolada se lhe acontecesse um acidente. E, dada a liberdade completa que ela tem aqui, a companhia constante desse rapaz e sua desocupação, isso me parece inevitável. A você não? Ao som desse "A você não?", levantei os olhos e meu pai baixou os seus, muito constrangido. — Você tem razão, sem dúvida — disse ele. — Sim, pensando bem, você deveria estudar um pouco, Cécile. Não quer repetir filosofia, quer? — Você acha que isso me importa? — respondi brevemente. Ele me olhou e desviou a vista de imediato. Eu estava pasma. Dava-me conta de que a inconsequência é o único sentimento que pode inspirar nossa vida e não dispor de argumentos para se defender.

— Vamos — disse Anne segurando minha mão por cima da mesa. — Você vai trocar sua personagem de moça dos bosques pela de boa estudante, e isso só durará um mês. Não é tão grave, é? Ela me olhava, ele me olhava sorrindo: vista assim, a questão era simples. Retirei minha mão devagar.

— Sim — respondi —, é grave. Disse-o tão baixo que eles não me ouviram ou não quiseram ouvir. Na manhã seguinte, encontrei-me diante de uma frase de Bergson.

Precisei de alguns minutos para compreendê-la: "Qualquer que seja a heterogeneidade que possa encontrar, a princípio, entre os fatos e a causa, e mesmo se há muita distância entre uma regra de conduta e uma afirmação sobre o fundo das coisas, é sempre de

um contato com o princípio gerador da espécie humana que sentimos extrair forças para amar a humanidade:' Repeti para mim mesma esta frase, primeiro baixinho para não me enervar, depois em voz alta. Segurei a cabeça com as mãos e examinei-a com atenção. Por fim, compreendi, e me senti tão fria, tão impotente, como quando a li pela primeira vez. Não podia continuar; olhava as linhas seguintes sempre com aplicação e boa vontade e, de repente, alguma coisa se ergueu em mim como um vendaval e me atirou sobre a cama. Pensei em Cyril, que me esperava na enseada dourada, no doce balanço do barco, no gosto de nossos beijos, pensei em Anne. Pensei nela de tal maneira que me vi na cama, com o coração batendo, dizendo a mim mesma que eu era tola e monstruosa, que não passava de uma criança mimada e preguiçosa e que não tinha o direito de pensar assim. E continuei, mesmo sem querer, a refletir: a refletir que ela era perniciososa e perigosa, e que era preciso afastá-la de nosso caminho. Lembrava-me do jantar que eu tinha acabado de passar, com os dentes cerrados. Roída, desfeita pelo rancor, um sentimento que eu desprezava, que me ridicularizava por sentir... sim, era disso mesmo que eu acusava Anne; ela me impedia que eu amasse a mim mesma. Eu, tão naturalmente feita para a felicidade, a amabilidade, a inconsequência, entrava por seu intermédio num mundo de reprovações, de remorsos, no qual, pouco experiente na Introspecção, me perdia. E que oferecia ela? Eu media sua força: havia querido meu pai, tinha-o, ia pouco a pouco fazer de nós o marido e a filha de Anne Larsen. Quer dizer, seres comedidos, bem-educados e felizes. Pois ela nos faria felizes; eu bem sentia com que facilidade nós, instáveis, cederíamos a essa atração do enquadramento, da responsabilidade. Ela era por demais eficiente.

Desde já, meu pai se separava de mim; aquele rosto embaraçado e reticente que ele havia mostrado na mesa me preocupava, me torturava. Lembrava-me com vontade de chorar de todas as nossas antigas cumplicidades, de nossos risos quando voltávamos para casa ao raiar do dia, de carro, pelas ruas brancas de Paris. Tudo aquilo havia acabado. Também eu seria influenciada, remanejada e orientada por Anne. Nem sequer sofreria: ela agiria

por meio da inteligência, da ironia, da doçura, eu não seria capaz de lhe resistir, dentro de seis meses nem teria mais vontade. Era absolutamente indispensável sacudir-me, reencontrar meu pai e a vida de outrora. De que charme não se revestiam para mim de repente os dois anos alegres e incoerentes que eu acabava de encerrar, aqueles dois anos que eu havia renegado tão depressa no outro dia?... A liberdade de pensar, de pensar mal e de pensar pouco, a liberdade de escolher minha própria vida, de me escolher eu mesma. Não posso dizer "de ser eu mesma"; pois eu não era mais que uma pasta moldável, mas haveria de recusar os moldes.

Sei que é possível encontrar para essas mudanças motivos complicados, que me podem atribuir complexos magníficos: um amor incestuoso por meu pai ou uma paixão malsã por Anne. Mas conheço as causas reais: o calor, Bergson, Cyril, ou ao menos a ausência de Cyril. Pensei nisso a tarde toda, atravessando uma série de estados desagradáveis, mas todos provenientes desta descoberta: estávamos à mercê de Anne. Eu não estava acostumada a refletir e isso me deixava irritada.

À mesa, como de manhã, não abri a boca. Meu pai se sentiu obrigado a fazer uma brincadeira: — O que eu gosto na juventude é seu entusiasmo, sua conversa... Olheio-o ferozmente, com dureza. Era verdade que ele amava a juventude, e com quem tinha eu falado senão com ele? Havíamos falado de tudo: do amor, da morte, da música. Ele me abandonava, ele mesmo me desarmava. Olhei-o e pensei: "Você não me ama mais como antes, você está me traindo", e tentei fazê-lo compreender sem falar; eu estava em pleno drama. Ele me olhou também, subitamente alarmado, entendendo talvez que não era mais uma brincadeira e que nossa compreensão mútua corria risco. Vi-o petrificar-se, interrogativo. Anne voltou-se para mim: — Você está abatida. Estou com remorso de fazê-la estudar. Não respondi, detestava-me demais por causa daquela espécie de drama que eu encenava e que não podia mais cessar.

Havíamos acabado de jantar. No terraço, no retângulo luminoso projetado pela janela da sala de jantar, vi a mão de Anne, uma longa mão cheia de vida, se balançar, encontrar a de meu pai.

Pensei em Cyril, gostaria que ele me tomasse em seus braços, naquele terraço salpicado de cigarras e de lua. Gostaria de ser acariciada, consolada, reconciliada comigo mesma. Meu pai e Anne se calavam: tinham diante de si uma noite de amor; eu tinha Bergson. Tentei chorar, sentir pena de mim mesma; em vão. Era já de Anne que eu tinha pena, como se já tivesse certeza de vencê-la.

Parte II

A nitidez de minhas lembranças a partir daquele momento me assombra. Adquiria uma consciência mais atenta dos outros, de mim mesma. A espontaneidade e um egoísmo fácil sempre haviam sido para mim um luxo natural.

Sempre havia vivido. Ora, eis que aqueles poucos dias me haviam perturbado o bastante para que fosse levada a refletir, a me encontrar vivendo. Passava por todos os horrores da introspecção sem, por isso, reconciliar-me comigo mesma. "Esse sentimento"; pensava eu, "esse sentimento a respeito de Anne é idiota e pobre, como esse desejo de separá-la de meu pai é feroz". Mas, no fim das contas, por que julgar-me assim? Sendo simplesmente eu, não era livre para perceber o que acontecia. Pela primeira vez em minha vida, esse "eu" parecia se dividir, e a descoberta de tal dualidade me assombrava prodigiosamente. Encontrava boas desculpas, murmurava-as para mim mesma, julgando-me sincera, e bruscamente surgia outro "eu" que se delineava em falso contra os meus próprios argumentos, gritando-me que eu me autoenganava, mesmo que tivessem toda a aparência da verdade. Mas não era esse, realmente, o outro que me enganava? Aquela lucidez não era o pior dos erros?

Debatia-me horas a fio em meu quarto para saber se o temor e a hostilidade que Anne me inspirava eram justificados ou se eu não passava de uma mocinha egoísta com um acesso de falsa independência. Enquanto isso, emagrecia dia após dia, não fazia mais que dormir na praia e, durante as refeições, conservava sem querer um silêncio ansioso que acabava por embaraçá-los. Eu olhava Anne, vigiava-a sem cessar, dizia a mim mesma ao longo de todo o jantar: "Este gesto que ela teve para com ele não é amor, um amor como ele jamais terá outro igual? E esse sorriso para mim com esse fundo de inquietação nos olhos, como poderia eu reprová-la por isso?" Mas, de repente, ela dizia: "Quando voltarmos,

Raymond..." Então, a ideia de que iria partilhar nossa vida, intervir nela, me arrepiava. Ela me parecia apenas habilidade e frieza. Eu me dizia: "Ela é fria, nós somos cálidos; ela é autoritária, nós somos independentes; ela é indiferente, nós somos alegres. Só nós dois estamos vivos, e ela vai se esgueirar entre nós com sua tranquilidade, vai se aquecer, tomar pouco a pouco nosso bom calor despreocupado, ela vai nos roubar tudo, como uma bela serpente... uma bela serpente. Ela me estendia o pão e, de repente, eu acordava e gritava: "Mas que loucura, é Anne, a inteligente Anne, aquela que cuidou de você. Sua frieza é sua forma de vida, você não pode ver cálculo algum nisso; sua indiferença a protege de mil pequenas coisas sórdidas, é uma prova de nobreza."

Uma bela serpente... eu me sentia empalidecer de vergonha, olhava-a, suplicava-lhe mentalmente que me perdoasse. Às vezes, ela surpreendia esses olhares, e o assombro e a incerteza obscureciam seu rosto, cortavam suas frases. Ela buscava instintivamente meu pai com os olhos: ele a olhava com admiração ou desejo, não compreendia a causa daquela inquietação. Em suma, aos poucos, eu conseguia tornar a atmosfera opressiva, e me detestava por isso. Meu pai sofria tanto quanto lhe era, em seu caso, possível sofrer. Ou seja, pouco, pois ele estava louco por Anne, louco de orgulho e de prazer, e só vivia para isso. Um dia, entretanto, quando eu cochilava na praia, depois do banho matinal, ele se sentou perto de mim e me olhou. Senti seu olhar pesar sobre mim. Estava prestes a levantar-me e convidá-lo a ir para a água com o ar falsamente entusiasmado que se tornava habitual em mim, quando ele pousou a mão sobre a minha cabeça e elevou a voz num tom lamentável: — Anne, venha ver este gafanhoto; está tão magra. Se o estudo lhe causa esse efeito, é preciso que pare. Com isso, ele pensava ajeitar tudo, e sem dúvida dez dias antes teria sido o caso. Mas eu tinha chegado bem mais longe nas complicações, e as horas de estudo durante a tarde não me incomodavam mais, já que eu não havia aberto um livro sequer desde Bergson.

Anne se aproximava. Continuei deitada de bruços na areia, atenta ao ruído de seus passos. Sentou-se do outro lado e

murmurou: — É verdade que não lhe faz bem. Aliás, bastaria que ela estudasse de fato, em vez de andar em seu quarto de um lado para o outro... Eu me virara, olhava-os. Como ela sabia que eu não estava estudando? Talvez tivesse até mesmo adivinhado meus pensamentos, eu a imaginava capaz de tudo. Aquela ideia me amedrontou: — Eu não ando de um lado para o outro em meu quarto — protestei.

— É saudade daquele rapaz? — perguntou meu pai. — Não! Era uma meia mentira. Mas era verdade que eu não tivera tempo de pensar em Cyril.

— No entanto, você está com um ar saudável — disse meu pai severamente. — Anne, você vê? Parece um frango depenado posto a assar ao sol.

— Vamos, Cécile — disse Anne com carinho —, faça um esforço. Estude um pouco e coma mais. Esse exame é importante...

— Não dou a mínima para o meu exame — gritei —, vocês entendem? A mínima! Olhei-a desesperadamente, bem de frente, para que compreendesse que o caso era mais grave que um exame. Era preciso que me perguntasse: "Então, o que é?"; que me atormentasse com perguntas, que me forçasse a contar tudo. Aí então ela me convenceria, ela decidiria o que quisesse, mas assim eu não estaria mais infestada por aqueles sentimentos ácidos e deprimentes. Ela me olhava atentamente, eu via o azul profundo de seus olhos obscurecidos pela atenção, pela reprovação. E compreendi que ela nunca pensaria em me interrogar, em me libertar, porque a ideia nem lhe passava pela cabeça e porque achava que isso não se fazia. E que ela não me atribuía sequer um daqueles pensamentos que me devastavam e que, se o fazia, era com desdém e indiferença. Tudo o que eles mereciam, aliás! Anne sempre atribuía às coisas sua importância exata. Eis por que nunca, nunca, poderei discutir com ela. Tornei a me atirar na areia com violência, apoiando meu rosto sobre a doçura quente da praia, suspirei, tremia um pouco. A mão de Anne, tranquila e segura, pousou em minha nuca, manteve-me imóvel por um instante, o suficiente para que meu tremor nervoso parasse.

— Não complique a vida — disse ela. — Você que era tão alegre e tão agitada, você que não tem cabeça, está se tornando cerebral e triste. Não é um personagem adequado para você.

— Sei — respondi. — Eu sou o jovem ser inconsciente e sadio, cheio de alegria e estupidez.

— Venha almoçar — disse ela. Meu pai havia se afastado, detestava aquele tipo de discussão; no caminho, pegou minha mão e conservou-a na sua. Era uma mão segura e reconfortante: ela havia enxugado minhas lágrimas em minha primeira dor de amor, havia me segurado nos momentos de tranquilidade e felicidade perfeita, e havia me apertado furtivamente nos momentos de cumplicidade e de acessos de riso. Aquela mão no volante, ou nas chaves, de noite, buscando em vão a fechadura, aquela mão sobre o ombro de uma mulher ou sobre cigarros, aquela mão nada mais podia por mim. Apertei-a com muita força. Virando-se para mim, ele sorriu. Dois dias se passaram: eu andava em círculos e me esgotava. Não podia mais me livrar daquele fantasma: Anne devastaria nossa existência. Eu não procurava rever Cyril, ele teria me tranquilizado, proporcionado alguma felicidade, e eu não queria. Eu sentia até mesmo um certo prazer em me fazer perguntas irrespondíveis, em lembrar dias passados, em temer os que viriam. Fazia muito calor; meu quarto estava na penumbra, com as venezianas fechadas, mas isso não bastava para afastar um peso, uma umidade do ar insuportáveis. Ficava na cama, os olhos no teto, mexendo-me o estritamente necessário para encontrar um pedaço de lençol fresco. Eu não dormia, mas colocava no toca-discos ao pé de minha cama discos lentos, sem melodia, só ritmo. Fumava muito, achava-me decadente, e aquilo me agradava. Mas aquele jogo não era suficiente para me iludir: eu estava triste, desorientada. Certa tarde, a arrumadeira bateu à minha porta e me avisou com ar misterioso que "havia alguém lá embaixo. Pensei logo em Cyril. Desci, mas não era ele. Era Elsa. Apertou-me as mãos com entusiasmo. Olhei-a e me assombrei com sua nova beleza. Ela estava finalmente bronzeada, um bronzeado leve e regular, muito cuidada, radiante de juventude.

— Vim buscar minhas malas — disse ela. — Juan comprou-me alguns vestidos por esses dias, mas não são suficientes. Perguntei-me por um instante quem era Juan, mas deixei de lado. Era um prazer reencontrar Elsa: ela transportava consigo um clima de mulher amante, de bares, de noitadas fáceis que me lembravam dias felizes. Disse-lhe que estava contente de revê-la, e ela me assegurou que sempre tínhamos nos dado bem porque havia entre nós pontos em comum. Dissimulei um leve arrepio e convidei-a a subir até meu quarto, o que lhe evitaria um encontro com meu pai e Anne. Quando lhe falei de meu pai, não pôde reprimir um pequeno movimento de cabeça e pensei que talvez ainda o amasse... apesar de Juan e seus vestidos. Pensei também que, três semanas antes, eu não teria notado aquele movimento. Em meu quarto, escutei-a falar com o maior entusiasmo da vida mundana e divertida que levava no litoral. Sentia confusamente levantarem-se em mim ideias curiosas inspiradas por seu novo aspecto. Por fim, ela se calou, talvez por causa do meu silêncio, deu alguns passos no quarto e, sem se virar, perguntou com voz indiferente se "Raymond estava feliz". Tive a impressão de marcar um tento, e compreendi de imediato o porquê. Então, milhares de projetos se misturaram em minha cabeça, planos se traçaram, senti-me sucumbir sob o peso de meus argumentos. Com a mesma rapidez, soube o que era preciso dizer: — "Feliz" é exagero! Anne não o deixa acreditar em outra coisa. Ela é muito hábil.

— Muito! — suspirou Elsa. — Você nunca adivinhará o que ela decidiu fazer... Vai casar-se com ele... Elsa virou para mim com uma expressão horrorizada: — Casar-se com ele? Raymond quer se casar?

— Sim — disse eu. — Raymond vai se casar. Uma repentina vontade de rir me invadia a garganta. Minhas mãos tremiam. Elsa parecia desamparada, como se eu lhe tivesse batido. Era preciso não deixá-la refletir e deduzir que, no fim das contas, ele estava em idade para tal e que não podia passar a vida com pessoas semimundanas. Inclinei-me para a frente e abaixei de repente a voz para impressioná-la: — Isso não pode acontecer, Elsa. Ele já está sofrendo. Não é algo possível, você compreende?

— Sim — respondeu ela. Parecia fascinada, aquilo me dava vontade de rir, e meu tremor aumentava.

— Eu a esperava — retomei. — Só você tem envergadura para lutar contra Anne. Só você tem a classe suficiente. Nitidamente, ela se esforçava para acreditar em mim.

— Mas, se ele vai se casar com ela, é porque a ama — objetou ela.

— Vamos — disse eu suavemente —, é você que ele ama, Elsa! Não tente me fazer acreditar que não sabe. Via-a pestanejar, desviar o rosto para esconder o prazer, a esperança que eu lhe dava. Eu agia numa espécie de vertigem, sentia exatamente o que era preciso lhe dizer.

— Você entende — continuei —, ela lhe aplicou o golpe do equilíbrio conjugal do lar, da moral, e ele caiu como um patinho. Minhas palavras me oprimiam... Pois, em suma, aqueles eram meus próprios sentimentos que eu exprimia assim, sob uma forma elementar e grosseira sem dúvida, mas que correspondiam a meus pensamentos. — Se o casamento se consumar, nossas três vidas serão destruídas, Elsa. É preciso defender meu pai, ele é uma criança grande... Uma criança grande. Eu repetia "uma criança grande" com energia. Parecia-me forçar um pouco as tintas melodramáticas, mas logo os belos olhos verdes de Elsa marejavam de pena. Concluí como num cântico: — Ajude-me, Elsa. Falo por você, por meu pai e pelo amor de vocês dois.

— Mas o que posso fazer? — perguntava Elsa. — Isso me parece impossível.

— Se você acredita que é impossível, então renuncie — disse eu com o que se chama de voz alquebrada.

— Que vaca! — murmurou Elsa. — É o termo exato — disse eu, e desviei o rosto por minha vez. Elsa renascia a olhos vistos. Fora ludibriada, mostraria àquela intrigante o que ela, Elsa Mackenbourg, podia fazer. E meu pai a amava, ela sempre soube. Ela mesma não pudera esquecer com Juan a sedução de Raymond. Sem dúvida, ela não lhe falava de lar, mas pelo menos não o entediava, não tentava...

— Elsa — disse, pois não a suportava mais —, você vai procurar Cyril de minha parte e pedir-lhe hospitalidade. Ele se entenderá com a mãe. Diga-lhe que amanhã de manhã irei vê-lo. Nós três discutiremos o assunto juntos. No umbral da porta, acrescentei brincando: — É o seu destino que você está defendendo, Elsa. Ela aquiesceu gravemente, como se não tivesse uma dúzia de destinos, tantos quantos os homens que a sustentariam. Olhei-a partir ao sol, com seu caminhar dançante. Estimei uma semana para que meu pai a desejasse de novo. Eram três e meia da tarde: naquele momento, ele devia estar dormindo nos braços de Anne. Ela própria plena, desfeita, entregue ao calor do prazer, da felicidade, devia estar abandonada ao sono... Pus-me a traçar planos muito rapidamente sem me deter nem um instante sequer em mim mesma. Andava pelo quarto interruptamente, ia até a janela, dava uma olhadela no mar perfeitamente calmo, espriando-se na areia, voltava à porta, virava. Eu calculava, computava, destruía à medida que surgiam as objeções; nunca me tinha dado conta da agilidade do espírito, de seus sobressaltos. Sentia-me perigosamente hábil e, à onda de repugnância que me havia envolvido, desde as minhas primeiras explicações a Elsa, somava-se um sentimento de orgulho, de cumplicidade interior, de solidão.

Tudo isso desmoronou — é preciso dizer? — na hora do banho de mar. Eu tremia de remorso diante de Anne, não sabia o que fazer para me retratar. Carregava sua bolsa, precipitava-me para estender-lhe o roupão quando saía da água, sufocava-a de atenções, de palavras amáveis; aquela mudança tão súbita, depois de meu silêncio dos últimos dias, não deixava de surpreendê-la, até mesmo de agradá-la. Meu pai estava encantado. Anne me agradecia com um sorriso, respondia-me alegremente e eu me lembrava da expressão "Que vaca! — É o termo exato". Como eu pudera dizer aquilo, aceitar as idiotices de Elsa? No dia seguinte, eu a aconselharia a ir embora, confessando-lhe que havia me enganado. Tudo recomeçaria como antes e, no fim das contas, eu seria aprovada no meu exame! Seria certamente útil obter o diploma do secundário.

— Não é? — dizia à Anne. — Não é verdade que é útil o diploma do secundário? Ela me olhou e desatou a rir. Fiz como ela, feliz por vê-la tão alegre.

— Você é incrível — disse ela. Isso era verdade, e se ela soubesse o que eu havia planejando fazer! Eu morria de vontade de contar para que ela soubesse a que ponto eu era incrível! "Imagine que eu envolvia Elsa na história: ela fingia estar apaixonada por Cyril, morava na casa dele, nós os víamos passear de barco e os encontrávamos nos bosques, na praia. Elsa tornou a ficar bonita. Oh! Evidentemente, ela não tem sua beleza, mas possui esse ar resplandecente que faz os homens virarem a cabeça na rua. Meu pai aguentaria por muito tempo: ele jamais admitiu que uma bela mulher que algum dia lhe pertenceu se consolasse tão depressa, especialmente sob os seus olhos. Sobretudo com um homem Mais jovem que ele. Você compreende, Anne, ele a teria desejado brevemente, mesmo que ame você, para se tranquilizar. Ele é muito vaidoso ou muito pouco seguro de si, como quiser. Elsa, sob as minhas diretrizes, teria feito o que fosse preciso. Um dia, ele a enganaria e você não suportaria, não é mesmo? Você não é dessas mulheres que Partilham. Então você teria ido embora e era o que eu queria. Sim, é idiota, eu sentia raiva de você por causa de Bergson, do calor; eu imaginava que... é tão abstrato e ridículo que nem tenho coragem de lhe dizer. Por causa desses exames para o diploma, eu a teria indisposto conosco, você, a amiga de minha mãe, nossa amiga. No entanto, é útil o diploma do secundário, não é?"

— Não é?

— Não é o quê? — perguntou Anne.

— Que o diploma do secundário é útil?

No fim das contas, era melhor não dizer nada, talvez ela não compreendesse. Atirei-me à água atrás de meu pai, lutei com ele, reencontrei os prazeres da brincadeira, da água, da consciência tranquila. No dia seguinte, eu mudaria de quarto; instalar-me-ia no sótão com os meus livros escolares. Mas não levaria Bergson; não era preciso exagerar! Duas boas horas de estudo, no isolamento, com o esforço silencioso, o cheiro da tinta, do papel. O sucesso em

outubro, o riso estupefato de meu pai, a aprovação de Anne, o diploma. Eu seria inteligente, culta, um pouco indiferente, como Anne. Talvez eu tivesse possibilidades intelectuais... Não havia elaborado em cinco minutos um plano lógico, desprezível por certo, mas lógico? E Elsa! Eu a havia agarrado pela vaidade, o sentimento fizera com que se decidisse em alguns instantes, ela que viera só para buscar sua mala. Era engraçado, afinal: eu havia mirado em Elsa, percebido a falha, ajustado a pontaria antes de falar. Pela primeira vez, eu conhecera esse prazer extraordinário: atravessar um ser, descobri-lo, trazê-lo à luz e, ali, tocá-lo. Como se coloca o dedo em uma mola, com precaução, eu havia tentado encontrar alguém e o mecanismo disparara de imediato. Touché! Eu não conhecia isso, sempre fora impulsiva demais. Quando atingia um ser, era por acaso. Todo esse maravilhoso processo dos reflexos humanos, toda essa potência da linguagem, eu os havia subitamente vislumbrado... Pena que fosse pela via da mentira. Um dia, eu amaria alguém com paixão e procuraria um caminho para chegar até essa pessoa, assim, com precaução, com doçura, com a mão trêmula...

No dia seguinte, indo em direção à casa de Cyril, sentia-me muito menos segura de mim, intelectualmente. Para festejar minha cura, eu bebera muito no jantar e ficara mais que alegre. Explicara a meu pai que faria uma licenciatura em letras, que leria os clássicos, que queria me tornar célebre e insuportável. Ele teria de usar todos os tesouros da publicidade e do escândalo para me lançar. Trocávamos ideias extravagantes, ríamos às gargalhadas. Anne também ria, mas menos alto, com uma espécie de complacência. De vez em quando, ela não ria nem um pouco, minhas ideias de lançamento ultrapassando os limites da literatura e da simples decência. Mas meu pai estava tão feliz por nos reencontrarmos por meio de nossas brincadeiras tolas que ela não dizia nada. Por fim, eles me levaram até a cama e me cobriram. Agradei com fervor, perguntei-lhes o que faria sem eles. Meu pai de fato não sabia, Anne parecia ter uma ideia bastante cruel a esse respeito, mas, assim que supliquei que me dissesse e que ela se debruçou sobre mim, o sono me venceu. No meio da noite, vomitei.

O despertar ultrapassou tudo o que eu conhecia em matéria de despertar penoso. Com as ideias soltas, o estômago hesitante, dirigi-me ao bosque de pinheiros, sem ver nada do mar, da manhã e das gaivotas superexcitadas. Encontrei Cyril na entrada do jardim. Correu ao meu encontro, tomou-me nos braços e apertou-me violentamente contra si murmurando palavras confusas: — Minha querida, eu estava tão preocupado... há tanto tempo... eu não sabia o que você estava fazendo, se aquela mulher a fazia infeliz... não sabia que eu mesmo poderia ficar tão infeliz... passava todas as tardes pela frente da enseada, uma, duas vezes, eu não sabia que a amava tanto...

— Nem eu — respondi. De fato, aquilo me surpreendia e me comovia ao mesmo tempo. Eu lamentava sentir tamanho mal-estar no estômago, não poder testemunhar-lhe minha emoção.

— Como você está pálida — disse ele. — Agora, vou cuidar de você, não permitirei que a maltratem por muito mais tempo. Eu reconhecia a imaginação de Elsa. Perguntei a Cyril o que dissera sua mãe.

— Apresentei-a como uma amiga, uma órfã — disse Cyril. — Aliás, Elsa é muito gentil. Contou-me tudo a respeito dessa mulher. Curioso, com um rosto tão fino, tão distinto, essas manobras de intrigante.

— Elsa exagerou muito — disse eu, debilmente. — Eu queria dizer-lhe justamente que...

— Eu também tenho uma coisa a lhe dizer — interrompeu Cyril. — Cécile, quero me casar com você.

Tive um momento de pânico. Era preciso fazer algo, dizer alguma coisa. Se eu não estivesse com aquele terrível mal-estar no estômago... — Eu amo você — dizia Cyril por entre meus cabelos. — Abandono o Direito, estão me oferecendo um emprego interessante... um tio... tenho 26 anos, não sou mais um garotinho, falo sério. O que me diz? Procurei desesperadamente alguma bela frase ambígua. Não queria me casar com ele. Eu o amava, mas não queria me casar com ele. Não queria me casar com ninguém, estava cansada.

— Não é possível — balbuciei. — Meu pai...

— Deixe seu pai comigo — disse Cyril.

— Anne não vai querer — disse. — Ela acha que não sou adulta. E, se disser não, meu pai também dirá. Estou tão cansada, Cyril, essas emoções me deixam em frangalhos; vamos nos sentar. Lá vem Elsa. Ela descia de roupão, fresca e luminosa. Senti-me sem brilho e magra. Ambos tinham um ar saudável, fluorescente e excitado que me deprimia ainda mais. Ela me fez sentar com mil cuidados, como se eu estivesse saindo da prisão.

— Como vai Raymond? — perguntou. — Ele sabe que fui lá? Tinha o sorriso feliz de quem perdoou, de quem tem esperanças. Eu não podia dizer a ela que meu pai a havia esquecido, e a ele que eu não queria me casar. Fechei os olhos, Cyril foi buscar café. Elsa falava, falava, era evidente que me considerava alguém muito inteligente, confiava em mim. O café estava muito forte, perfumado, o sol me reconfortava um pouco.

— Por mais que tivesse procurado, não encontrei a solução — disse Elsa.

— Não há nenhuma — disse Cyril. — É uma obsessão, uma influência, não há nada que possa ser feito.

— Há — discordei. — Há um modo. Vocês não têm imaginação. Envaidecia-me vê-los atentos às minhas palavras: tinham dez anos a mais que eu, mas não tinham ideias! Adotei um ar desvolto: — É uma questão de psicologia. Falei longamente, expliquei-lhes meu plano. Eles me apresentaram as mesmas objeções que eu me havia colocado na véspera e eu sentia um prazer intenso ao derrubá-las. Era gratuito, mas, de tanto querer convencê-los, eu me entusiasmava cada vez mais. Demonstrei-lhes que era possível. Só faltava mostrar-lhes que não devíamos fazê-lo, mas, para isso, eu não encontrava argumentos tão lógicos.

— Não gosto dessas maquinações — dizia Cyril. — Mas, se é o único modo de me casar com você, aceito.

— Não é exatamente culpa de Anne — dizia eu. — Você sabe muito bem que, se ela ficar, você se casará com quem ela quiser — arrematou Elsa. Talvez fosse verdade. Eu via Anne me apresentando a um rapaz no dia em que eu completasse 20 anos, também diplomado, com um futuro brilhante à sua frente,

inteligente, equilibrado, certamente fiel. Um pouco o que era Cyril, aliás. Pus-me a rir.

— Por favor, não ria — disse Cyril. — Diga-me que ficará com ciúmes quando eu fingir amar Elsa. Como pode pensar nisso? Será que você me ama? Ele falava em voz baixa. Discretamente, Elsa se afastara. Eu olhava o rosto moreno, tenso, os olhos escuros de Cyril. Ele me amava, isso me despertava uma sensação curiosa. Eu olhava sua boca, os lábios cheios, tão próxima... Já não me sentia mais intelectual. Ele adiantou um pouco o rosto de modo que nossos lábios, tocando-se, reconheceram-se. Permaneci sentada com os olhos abertos, sua boca imóvel contra a minha, uma boca firme e quente; um ligeiro frêmito a percorria, ele aumentou a pressão, depois seus lábios se separaram, seu beijo se agitou, tornou-se de súbito imperioso, hábil, demasiado hábil... Eu compreendia que tinha mais talento para beijar um rapaz ao sol do que para fazer exames finais. Afastei-me dele um pouco ofegante.

— Cécile, temos de viver juntos. Farei a encenação com Elsa. Eu me perguntava se meus planos estariam corretos. Eu era a alma, a diretora daquela comédia. Ainda poderia interrompê-la.

— Você tem cada ideia! — exclamou Cyril com seu pequeno sorriso de lado que lhe levantava o lábio e lhe dava certo ar de bandido, um bandido muito belo...

— Beije-me — murmurei —, beije-me mais. Foi assim que deslanchei a comédia. A contragosto, por preguiça e curiosidade. Por alguns momentos, preferia ter agido voluntariamente com ódio e violência... Que ao menos eu pudesse me colocar na posição de acusada, e não acusar a preguiça, o sol e os beijos de Cyril.

Deixei os conspiradores ao cabo de uma hora, bastante aborrecida. Restava para me tranquilizar um bom número de argumentos: meu plano poderia não funcionar, meu pai poderia muito bem levar sua paixão por Anne até a fidelidade. Além disso, nem Cyril nem Elsa podiam fazer nada sem mim. Na certa eu encontraria uma razão para interromper o jogo, se meu pai desse mostras de se deixar enredar. Mas era divertido tentar, ver se meus planos estavam corretos ou não.

Ademais, Cyril me amava. Queria se casar comigo: esse pensamento bastava para a minha euforia. Se ele pudesse me esperar um ano ou dois, o tempo de me tornar adulta, eu aceitaria. Já me via vivendo com Cyril, dormindo com ele, não me afastando mais dele. Todos os domingos, almoçaríamos com Anne e meu pai, um casal unido, e talvez até a mãe de Cyril, o que contribuiria para criar uma atmosfera dominical. Encontrei Anne no terraço, ela descia para encontrar meu pai na praia. Acolheu-me com o ar irônico com o qual se acolhem as pessoas que beberam na véspera. Perguntei o que ela quase dissera na noite anterior antes de eu dormir, mas ela se recusou rindo, alegando que me aborreceria. Meu pai saiu da água, forte e musculoso; pareceu-me esplêndido. Entrei na água com Anne, ela nadava devagar, com a cabeça fora da água para não molhar os cabelos. Depois, nós três nos deitamos lado a lado, de braços, eu entre os dois, silenciosos e tranquilos.

Foi então que o barco apareceu na extremidade da enseada, a todo pano. Meu pai foi o primeiro a vê-lo.

— O caro Cyril não aguentava mais — disse ele rindo. — Anne, vamos perdoá-lo? No fundo, é um bom rapaz.

Levantei a cabeça, pressentindo o perigo. — Mas o que ele está fazendo? — continuou meu pai. — Está ultrapassando a enseada. Ah! Mas ele não está só...

Anne havia levantado a cabeça por sua vez. O barco ia passar diante de nós e prosseguir. Eu distinguia o rosto de Cyril, supliquei-lhe interiormente que fosse embora.

A exclamação de meu pai me fez sobressaltar. Entretanto, havia dois minutos que a esperava: — Mas... mas é Elsa! O que faz ela lá? Virou-se para Anne: — Aquela moça é incrível! Ela deve ter iludido esse pobre rapaz e ter induzido a velha dama a adotá-la.

Mas Anne não o escutava. Ela me olhava. Cruzei com seu olhar e recoloquei o rosto na areia, inundada de vergonha. Ela adiantou a mão, pousou-a em meu pescoço: — Olhe para mim. Você está zangada comigo por isso? Reabri os olhos: ela debruçava sobre mim um olhar inquieto, quase suplicante. Pela primeira vez, ela me olhava como se olha um ser sensível e pensante, e isso no

dia em que... Soltei um gemido, desviei violentamente a cabeça em direção a meu pai para me livrar daquela mão. Ele olhava o barco.

— Minha pobre garota — retomou a voz de Anne, uma voz baixa. — Minha pobre Cécile, é um pouco culpa minha, eu talvez não devesse ter sido tão intransigente...

Eu não queria fazê-la sofrer, acredita? Ela me acariciava os cabelos, a nuca, ternamente. Eu não me mexia. Tinha a mesma impressão de quando a areia fugia sob os meus pés, ao se formar uma onda: um desejo de fracasso e de doçura me invadira e nunca sentimento algum — nem a raiva nem o desejo — me havia arrastado como aquele. Abandonar a comédia, confiar minha vida, colocá-la em suas mãos até o fim de meus dias. Eu nunca sentira fraqueza tão avassaladora, tão violenta. Fechei os olhos. Parecia que meu coração havia parado de bater.

Meu pai não havia manifestado qualquer sentimento além do assombro. A arrumadeira explicou-lhe que Elsa viera buscar sua mala, indo embora de imediato. Não sei por que não lhe falou de nossa conversa. Era uma mulher da região, muito romanesca, devia ter uma ideia bastante pitoresca de nossa situação. Sobretudo depois das trocas de quarto que ela havia efetuado. Então, meu pai e Anne, tomados de remorsos, dedicaram-me atenções, uma bondade que, insuportável no começo, tornou-se logo muito agradável para mim. Em suma, mesmo sendo culpa minha, não me era nada agradável cruzar o tempo todo com Cyril e Elsa, de braços dados, externando todos os sinais de um entendimento perfeito.

Eu não podia mais velejar, mas podia ver Elsa passar, despenteada pelo vento, como eu mesma antes. Não tinha a menor dificuldade em adotar o ar fechado e falsamente indiferente quando nos encontrávamos. Pois os encontrávamos por toda parte: no bosque de pinheiros, na aldeia, na estrada. Anne me lançava uma olhadela, me falava de outra coisa, colocava sua mão em meu ombro para me reconfortar. Eu disse que ela era boa? Não sei se sua bondade era uma forma refinada de inteligência ou simplesmente de indiferença, mas ela sempre tinha a palavra e o gesto certos, e se eu estivesse realmente sofrendo, não poderia encontrar apoio melhor. Deixava-me levar então sem demasiada

preocupação, já que meu pai não dava sinal algum de ciúme. Isso me provava seu apego a Anne e me aborrecia um pouco, demonstrando, assim, a inconsistência de meus planos. Certo dia, entrávamos nos correios, ele e eu, quando Elsa cruzou conosco: ela não pareceu nos ver, e meu pai se virou para olhá-la como a uma desconhecida, com um pequeno assobio: — Veja só, Elsa embelezou bastante. — O amor lhe fez bem — disse eu. Ele me lançou um olhar assombrado: — Você parece levar isso melhor... — O que você quer? — perguntei.

— Eles têm a mesma idade, era mais lógico.

— Se não fosse por Anne, não teria sido nada lógico...

Ele estava furioso.

— Você acha que um molecote me tomaria uma mulher se eu não consentisse...

— Mas a idade conta — disse eu gravemente. Ele deu de ombros. Na volta, notei-o preocupado: pensava talvez que, de fato, Elsa era jovem e Cyril também; e que, casando-se com uma mulher de sua idade, ele deixava de pertencer a essa categoria de homens sem data de nascimento da qual fazia parte. Tive um involuntário sentimento de triunfo. Quando vi em Anne as pequenas rugas nos cantos dos olhos, o vinco da boca, eu me arrependi. Mas era muito fácil seguir meus impulsos e me arrepender depois... Uma semana se passou. Cyril e Elsa, ignorantes do rumo dos acontecimentos, deviam estar me esperando a cada dia. Eu não ousava ir lá, eles teriam me extorquido ideias e eu não fazia a menor questão disso. Em vez disso, à tarde, eu subia para o meu quarto, supostamente para estudar. De fato, não fazia nada disso: encontrara um livro de ioga e o seguia com grande convicção, tendo às vezes solitários ataques de riso, terríveis e silenciosos, pois temia que Anne me ouvisse. Dizia-lhe, na verdade, que estava estudando como louca; fazia para ela um pouco o papel de apaixonada desiludida que busca consolo na esperança de ser um dia uma diplomada realizada. Tinha a impressão de que ela apreciava o meu esforço. Às vezes, citava Kant à mesa, o que desesperava meu pai visivelmente. Certa tarde, eu me havia enrolado em toalhas de banho para ter um ar mais hindu, pusera o pé direito sobre a coxa

esquerda e me olhava fixamente no espelho, não com satisfação, mas com a esperança de atingir o estado superior do iogue, quando bateram à porta. Pensei que fosse a arrumadeira e, como ela não se perturbava por nada, gritei-lhe que entrasse.

Era Anne. Ficou por um segundo paralisada no umbral da porta e sorriu: — De que você está brincando?

— De ioga — respondi. — Mas não é uma brincadeira, é uma filosofia hindu. Ela se aproximou da mesa e pegou meu livro. Comecei a me inquietar. Ele estava aberto na página cem e as outras estavam cobertas de anotações de meu próprio punho, tais como "impraticável" ou "extenuante".

— Você é bem conscienciosa — disse ela. — E essa famosa dissertação sobre Pascal sobre a qual tanto nos falou, que foi feito dela?

É verdade que, à mesa, eu tinha me divertido dissertando sobre uma frase de Pascal como quem refletiu e estudou a respeito. Não escrevera uma palavra sequer, naturalmente. Fiquei imóvel. Anne olhou-me fixamente e compreendeu: — Que você não estude e banque o fantoche diante do espelho, é problema seu! — disse ela. — Mas divertir-se mentindo para seu pai e para mim, é algo lamentável. Aliás, suas repentinas atividades intelectuais me surpreendiam. Ela saiu e fiquei petrificada em minhas toalhas de banho; não compreendia que ela chamasse aquilo de "mentiras". Eu havia falado de dissertações para agradá-la e, de repente, ela me oprimia com seu desprezo. Tinha-me acostumado com sua nova atitude para comigo e a forma calma e humilhante de seu desdém me sufocava de raiva. Tirei minha fantasia, vesti uma calça e uma blusa velha e saí correndo. A temperatura estava tórrida, mas pus-me a correr, impelida por uma espécie de fúria, tanto mais violenta pelo fato de eu me sentir envergonhada. Corri até a casa de Cyril, parei na entrada, ofegante. No calor da tarde, as casas pareciam estranhamente profundas, silenciosas e fechadas sobre os seus segredos. Subi até o quarto de Cyril; ele me havia mostrado onde era no dia em que tínhamos ido visitar sua mãe. Abri a porta: ele dormia, atravessado na cama, o rosto sobre o braço. Olhei-o por um minuto: pela primeira vez, ele me parecia como que desprotegido e

enternecedor; chamei-o em voz baixa; abriu os olhos e sentou-se de imediato ao me ver: — Você? Como chegou aqui? Fiz-lhe um sinal para que não falasse tão alto; se sua mãe chegasse e me encontrasse no quarto do filho, poderia pensar... aliás, quem não pensaria... tomei-me de pânico e me dirigi à porta.

— Mas aonde você vai? — gritou Cyril. — Volte... Cécile.

Ele me havia agarrado o braço e me segurava rindo. Virei-me para ele e olhei-o; ficou pálido como eu mesma devia estar e largou meu pulso. Mas foi para me tomar de novo em seus braços e me levar consigo. Eu pensava confusamente: aquilo tinha de acontecer. Depois, foi a ciranda do amor: o medo que dá a mão ao desejo, à ternura e à fúria, e esse sofrimento brutal que se segue, triunfante, ao prazer. Tive a sorte — e Cyril, a doçura necessária — de descobri-lo a partir daquele dia. Fiquei perto dele por uma hora, atordoada e assombrada. Eu sempre ouvira falar do amor como uma coisa fácil; eu mesma falara cruamente, com a ignorância de minha idade, e me parecia que nunca mais poderia falar dele assim, daquela maneira indiferente e brutal. Cyril, estendido junto a mim, falava em casar-se comigo, em me conservar a seu lado por toda a vida. Meu silêncio o inquietava: sentei-me, olhei-o e chamei-o de "meu amante". Ele se inclinou. Apoiei minha boca sobre a veia que ainda latejava em seu pescoço, murmurando "Meu querido, Cyril, meu querido". Não sei se era amor o que sentia por ele naquele momento — sempre fui inconstante e não faço questão de me ver diferente do que sou —, mas naquele instante amava-o mais que a mim mesma, teria dado a vida por ele. Perguntou-me, quando fui embora, se eu estava zangada, e aquilo me fez rir. Estar zangada com ele por aquela felicidade!... Voltei para casa a passos lentos, esgotada e entorpecida, através dos pinheiros; pedira a Cyril que não me acompanhasse, seria perigoso demais. Temia que fosse possível ler em meu rosto os traços resplandecentes do prazer, como sombras sob meus olhos, relevo em minha boca, tremores.

Diante da casa, numa espreguiçadeira, Anne lia. Eu já tinha belas mentiras para justificar a minha ausência, mas ela não me fez perguntas, nunca fazia. Sentei-me perto dela, em silêncio, lembrando-me de que estávamos brigadas. Fiquei imóvel, os olhos

semicerrados, atenta ao ritmo de minha respiração, ao tremor de meus dedos. De vez em quando, a lembrança do corpo de Cyril me esvaziava o coração. Peguei um cigarro em cima da mesa, risquei um fósforo. Ele se apagou. Acendi outro com precaução, pois não estava ventando e só a minha mão tremia. Apagou-se novamente contra o cigarro. Resmunguei e peguei um terceiro fósforo. E então, não sei por que, aquele fósforo adquiriu para mim uma importância vital. Talvez porque Anne, subitamente arrancada de sua indiferença, me olhava sem sorrir, com atenção. Naquele momento, a paisagem e o tempo desapareceram, e apenas existiam aquele fósforo, meu dedo sobre ele, a caixa cinzenta e o olhar de Anne. Meu coração disparou, pôs-se a bater com força, crispei os dedos sobre o fósforo, ele acendeu e, enquanto eu adiantava avidamente o rosto em sua direção, meu cigarro o cobriu e apagou. Deixei cair a caixa no chão, fechei os olhos. O olhar duro e interrogativo de Anne pesava sobre mim. Supliquei a alguém que fizesse alguma coisa, que aquela espera cessasse. As mãos de Anne levantaram meu rosto, fechei as pálpebras com medo de que ela visse meu olhar. Sentia escaparem lágrimas de esgotamento, de incompetência, de prazer. Então, como que renunciando a qualquer pergunta, num gesto de distanciamento, tranquilizador, Anne escorregou suas mãos sobre o meu rosto e me soltou. Depois colocou um cigarro aceso entre os meus lábios e mergulhou de novo em seu livro.

Atribuí um sentido simbólico àquele gesto, pelo menos tentei. Mas hoje, quando me falha um fósforo, reencontro aquele instante estranho, aquele abismo entre mim e os meus gestos, o peso do olhar de Anne e aquele vazio em volta, aquela intensidade do vazio — o incidente que acabo de relatar não ficaria sem consequências. Como certos seres muito comedidos em suas reações, muito seguros de si, Anne não tolerava compromissos.

Ora, aquele gesto que ela tivera, aquele relaxar terno de suas mãos duras em torno do meu rosto, representava para ela um compromisso. Adivinhara alguma coisa, teria podido me fazer confessar e, no último minuto, deixara-se levar pela pena ou pela indiferença. Pois ela encontrava tanta dificuldade para cuidar de

mim e me treinar como para admitir minhas falhas. Só o sentimento de seu dever a compelia àquele papel de tutora, de educadora; casando-se com meu pai, ela se encarregava ao mesmo tempo de mim. Eu teria preferido que aquela constante desaprovação, se posso exprimir-me assim, proviesse da irritação ou de um sentimento mais à flor da pele: o hábito acaba logo com isso; acostuma-se com os defeitos dos outros quando não se julga estar no dever de corrigi-los. Em seis meses, ela não sentiria a meu respeito mais que cansaço, um cansaço afetuoso; exatamente do que eu teria necessitado. Mas ela não o sentiria; pois se sentiria responsável por mim e, num certo sentido, seria, pois eu ainda era essencialmente maleável; maleável e obstinada. Ela lamentou o compromisso e me fez perceber isso.

Alguns dias depois, durante o almoço e sempre a respeito daqueles insuportáveis deveres de férias, surgiu uma discussão. Fui um pouco atrevida demais, até meu pai ficou chocado, e finalmente Anne me trancou à chave em meu quarto, sem pronunciar sequer uma palavra mais alta. Eu não sabia o que ela fizera e, ao sentir sede, dirigi-me à porta e tentei abri-la; não consegui e compreendi que estava trancada. Eu nunca fora trancada em minha vida: o pânico me dominou, um verdadeiro pânico. Corri até a janela, não havia modo algum de sair por lá. Voltei-me verdadeiramente desatinada, atirei-me contra a porta e machuquei muito o ombro. Tentei forçar a fechadura, com os dentes cerrados, não queria gritar para que me viessem abrir a porta. Estraguei minha pinça. Então fiquei no meio do cômodo, de pé, com as mãos vazias. Perfeitamente imóvel, atenta a uma espécie de calma, de paz que me invadia à medida que meus pensamentos se tornavam mais precisos. Era meu primeiro contato com a crueldade: eu a sentia surgir em mim, crescer ao ritmo de minhas ideias. Estendi-me na cama, elaborei cuidadosamente meu plano. Minha ferocidade era tão pouco proporcional a seu pretexto que me levantei duas ou três vezes durante a tarde para sair do quarto e esbarrei na porta com assombro.

Às seis horas, meu pai veio abrir. Levantei-me instintivamente quando entrou no quarto. Olhou-me sem dizer nada

e eu sorri para ele.

— Você quer conversar? — perguntou ele.

— Sobre o quê? — retruquei.

— Você tem horror a isso e eu também. Esse tipo de discussão não leva a nada...

— É verdade. — Ele parecia aliviado. — É preciso que você seja cordata com Anne, que tenha paciência.

Aquele termo me surpreendeu: eu, paciência com Anne... Ele invertia o problema. No fundo, considerava Anne uma mulher que ele impunha à filha. E não o contrário.

Todas as esperanças eram permitidas.

— Fui desagradável — admiti. — Vou pedir desculpas a Anne.

— Você está... feliz? — Mas é claro — disse eu frivolamente.

— E depois, se minha relação com Anne for tensa demais, eu me casarei um pouco mais cedo e pronto.

Sabia que aquela solução não deixaria de fazê-lo sofrer. — Não é algo a se considerar. Você não é Branca de Neve... Você aguentaria deixar-me tão cedo? Só vivemos dois anos juntos. Aquela ideia era tão insuportável a mim quanto a ele. Vislumbrei o momento em que ia chorar no seu peito, falar da felicidade perdida e de sentimentos exaltados. Não podia torná-lo meu cúmplice. — Eu exagero muito, sabe. Anne e eu, nós nos entendemos bem, em suma. Com concessões mútuas...

— Sim — disse ele —, é claro. Ele deveria pensar como eu, que as concessões não eram provavelmente recíprocas, mas vinham só de minha parte.

— Você compreende — continuei —, percebo que Anne tem sempre razão. Sua vida é muito mais realizada que a nossa, muito mais plena de sentido... Ele fez um pequeno movimento involuntário de protesto, mas não me importei: — ...Daqui a um mês ou dois, terei assimilado por completo as ideias de Anne: não haverá mais discussões estúpidas entre nós. preciso apenas ter um pouco de paciência.

Ele me olhava, visivelmente desconcertado. Assustado também: ele perdia uma cúmplice para suas futuras extravagâncias, perdia também um pouco do passado.

— Não é preciso exagerar nada — disse ele, sem muita convicção. — Reconheço que a fiz levar uma vida que talvez não fosse para a sua idade nem... bem, para a minha, mas também não era uma vida estúpida ou infeliz... não. No fundo, não fomos muito... tristes, nem desequilibrados durante esses dois anos. Não é preciso renegar tudo assim só porque Anne tem uma concepção um pouco diferente das coisas.

— Não é preciso renegar, mas é preciso abandonar — disse eu com convicção.

— Evidente — disse o pobre homem, e descemos. Apresentei sem nenhum embaraço minhas desculpas a Anne. Ela me disse que não precisava desculpar-me e que o calor devia ter sido a fonte de nossa desavença! Sentia-me indiferente e alegre. Encontrei-me com Cyril no bosque de pinheiros, como combinado; disse-lhe o que era preciso fazer. Escutou-me com um misto de temor e admiração. Depois tomou-me nos braços, mas era muito tarde, eu tinha de voltar para casa. A dificuldade que senti para me separar dele me assombrou. Se ele procurara vínculos para me reter, então os havia encontrado. Meu corpo o reconhecia e reconhecia a si próprio, pleno contra o seu. Beijei-o apaixonadamente, queria machucá-lo, marcá-lo para que não me esquecesse um só instante de noite, para que sonhasse comigo. A noite seria interminável sem ele, sem ele junto a mim, sem sua habilidade, seu ímpeto repentino e suas longas carícias. Na manhã seguinte, levei meu pai para passear comigo ao longo da estrada. Falávamos alegremente de assuntos insignificantes.

Voltando à nossa casa, propus irmos pelo bosque de pinheiros. Eram dez e meia, eu estava sendo pontual. Meu pai andava na minha frente, pois o caminho era estreito e cheio de espinheiros que ele afastava ao passar, para que não me arranhassem as pernas. Quando o vi parar, compreendi que os havia visto. Aproximei-me dele. Cyril e Elsa dormiam, deitados sobre as agulhas dos pinheiros, com todos os sinais de uma felicidade bucólica; eu lhes havia recomendado aquilo, mas, quando os vi assim, senti-me despedaçada. O amor de Elsa por meu pai ou o amor de Cyril por mim podiam, por acaso, impedir que eles

fossem igualmente belos, igualmente jovens e estivessem tão perto um do outro? Dei uma olhada para o meu pai, ele os olhava fixamente, sem se mexer, com uma palidez anormal.

Tomei-lhe o braço: — Não devemos acordá-los. Vamos embora. Lancei uma última olhada em Elsa. Elsa deitada em sua jovem beleza, toda dourada e ruiva, com um ligeiro sorriso nos lábios, o da jovem ninfa por fim capturada... Ele virou sobre os calcanhares e pôs-se a caminhar a passos largos.

— Que vagabunda — murmurava ele —, que vagabunda!

— Por que diz isso? Ela é livre, não?

— Não é isso! Você achou agradável ver Cyril em seus braços?

— Não o amo mais — respondi.

— Eu também não amo mais Elsa — gritou ele furioso. — Mas, mesmo assim, isso mexe comigo. É preciso dizer que eu... bem... vivi com ela! É bem pior...

Como era pior, eu bem sabia! Ele deve ter sentido a mesma vontade que eu: precipitar-se, separá-los, retomar sua propriedade, o que fora sua propriedade.

— Se Anne o ouvisse...

— O quê? Se Anne me ouvisse?... Evidentemente, ela não compreenderia, ou ficaria chocada, é normal. Mas e você? Você é minha filha, não? Você não me compreende mais, está chocada também? Como me era fácil manejar seus pensamentos. Eu estava um pouco assustada por conhecê-lo tão bem.

— Não estou chocada — disse eu. — Mas, em todo caso, é preciso encarar as coisas de frente: Elsa tem a memória fraca, Cyril a atrai, ela está perdida para você. Sobretudo depois do que você lhe fez, é o tipo de coisa que não se perdoa...

— Se eu quisesse — começou meu pai e parou, assustado...

— Você não conseguiria — disse eu com convicção, como se fosse natural discutir suas chances de reconquistar Elsa.

— Mas não estou pensando nisso — disse ele, recuperando o bom senso.

— Por certo — concordei, dando de ombros. Aquele gesto significava: "Impossível, meu pobre, você está fora do páreo." Não

falou mais comigo até chegar em casa.

Ao entrar, tomou Anne nos braços, manteve-a assim por alguns instantes contra si, com os olhos fechados. Ela se entregava, sorridente, espantada. Saí do cômodo e me apoiei na parede do corredor, tremendo de vergonha.

Às duas horas, escutei o leve assobio de Cyril e desci até a praia. Ele me fez subir no barco e tomou a direção do mar aberto. O mar estava vazio, ninguém pensava em sair com semelhante sol. Uma vez longe da praia, abaixou a vela e se virou para mim. Não havíamos dito quase nada: — Hoje de manhã... — começou ele.

— Cale-se — disse eu —, oh!, cale-se... Derrubou-me suavemente sobre a lona. Estávamos inundados, escorregadios de suor, desajeitados e apressados; o barco balançava-se sob nós ritmadamente. Eu olhava o sol bem acima de mim. E, de repente, o sussurrar imperioso e terno de Cyril... O sol se desprendia, explodia, caía sobre mim... Onde estava eu? No fundo do mar, no fundo do tempo, no fundo do prazer... Chamava Cyril em voz alta, ele não me respondia, não tinha necessidade de me responder. Em seguida, o frescor da água salgada. Ríamos juntos, deslumbrados, preguiçosos, agradecidos. Tínhamos o sol e o mar, o riso e o amor. Nós os reencontraríamos outra vez como naquele verão, com aquele esplendor, aquela intensidade que lhes davam o medo e os outros remorsos provocavam?... Eu sentia, além do prazer físico muito real que o amor me proporcionava, uma espécie de prazer intelectual ao pensar nele. As palavras "fazer amor" têm uma sedução própria, separando-as de seu sentido. Este termo "fazer"; material e positivo, unido a essa abstração poética da palavra "amor"; me encantava. Eu falava nele antes sem o menor pudor, sem o menor embaraço e sem notar seu sabor. Sentia-me agora tornar-me pudica. Baixava os olhos quando meu pai olhava Anne mais fixamente, quando ela ria com aquele novo risinho baixo, indecente, que nos fazia empalidecer, a meu pai e a mim, e olhar pela janela. Se tivéssemos dito a Anne que seu riso era assim, ela não teria acreditado. Ela não se comportava como amante com meu pai, mas como amiga, terna amiga.

Mas à noite, sem dúvida... eu me proibia tais pensamentos, detestava as ideias equívocas. Os dias se passaram. Eu esquecia um pouco Anne, meu pai e Elsa. O amor me fazia viver com os olhos abertos, no mundo da lua, amável e tranquila. Cyril me perguntou se eu não temia engravidar. Respondi-lhe que confiava nele, e ele pareceu achar isso natural. Talvez fosse por isso que eu me tinha dado tão facilmente a ele: porque não me deixaria ser responsável e, se eu tivesse um filho, ele seria o culpado. Assumia o que eu não podia suportar assumir: responsabilidade. Aliás, eu não me imaginava grávida com o corpo delgado e firme que tinha... Ao menos por uma vez estava contente com a minha anatomia de adolescente.

Mas Elsa se impacientava. Interrogava-me sem cessar. Eu tinha medo de ser surpreendida em sua companhia ou na de Cyril. Eles agiam de modo a estar sempre na presença de meu pai, ela cruzava com ele por toda parte. Congratulava-se então por vitórias imaginárias, por impulsos reprimidos que, dizia ela, ele não conseguia esconder.

Assombrava-me ver aquela moça, tão próxima do amor-dinheiro, por seu ofício, tornar-se romântica, tão excitada com detalhes como um olhar, um movimento, ela, que era formada na precisão dos homens apressados. É verdade que ela não estava acostumada a um papel sutil, e o que desempenhava devia lhe parecer o cúmulo do requinte psicológico. Se meu pai estava ficando pouco a pouco obcecado por Elsa, Anne não parecia perceber. Ele estava mais terno, mais atencioso que nunca, e isso me dava medo, pois eu atribuía sua atitude a remorsos inconscientes. No entanto, nada aconteceu durante três semanas. Voltaríamos para Paris, Elsa para o seu lado e, se ainda estivessem decididos, meu pai e Anne se casariam. Em Paris, haveria Cyril e, do mesmo modo que não pudera impedir-me de amá-lo aqui, Anne não poderia impedir-me de vê-lo. Em Paris, ele tinha um quarto, longe de sua mãe. Eu já imaginava a janela aberta sob os céus róseos e azuis, os céus extraordinários de Paris, o arrulhar dos pombos sobre o parapeito, Cyril e eu na cama estreita... Alguns dias depois, meu pai recebeu um recado de um de nossos amigos

marcando um encontro com ele em Saint-Raphaël para um drinque. Ele nos contou logo, encantado por se evadir um pouco daquela solidão voluntária e um pouco forçada em que vivíamos. Avisei então a Elsa e a Cyril que estaríamos no bar do Sol às sete horas e que, se eles quisessem ir, nos veriam. Por azar, Elsa conhecia o amigo em questão, o que redobrou seu desejo de ir. Vislumbrei complicações e tentei dissuadi-la.

Em vão.

— Charles Webb me adora — disse ela com simplicidade infantil. — Se ele me vir, só poderá encorajar Raymond a voltar para mim.

Cyril pouco se importava de ir ou não a Saint-Raphaël. Para ele, o principal era estar onde eu estava. Vi isso em seu olhar e não pude deixar de me orgulhar. Então, à tarde, por volta de seis horas, saímos de carro. Anne nos levou no seu: era um pesado conversível americano mais próprio à sua publicidade que ao seu gosto. Correspondia ao meu, era cheio de artefatos brilhantes, silencioso e afastado do mundo, inclinando-se nas curvas. Além disso, nós três estávamos na frente, e em nenhum outro lugar eu me sentia mais amiga de alguém como num carro. Os três na frente, com os cotovelos um pouco apertados, submetidos ao mesmo prazer da velocidade e do vento, talvez a uma mesma morte. Anne dirigia, como se desejasse simbolizar a família que iríamos formar. Eu não tornara a entrar em seu carro desde a noite de Cannes, o que me fez divagar. No bar do Sol, encontramos Charles Webb e sua mulher. Ele trabalhava com publicidade teatral, sua mulher gastava o dinheiro que ele ganhava a uma velocidade assombrosa e com rapazes jovens. Ele vivia obcecado pela ideia de fechar o fim do mês, numa corrida incessante atrás de dinheiro. Daí o seu lado inquieto, apressado, que tinha algo de indecente. Fora amante de Elsa durante muito tempo, pois ela não era, apesar da beleza, uma mulher particularmente ambiciosa, e sua displicência a esse respeito o agradava. Sua mulher era má. Anne não a conhecia, e vi com que rapidez seu belo rosto adquiriu aquele ar desdenhoso e irônico que, em sociedade, lhe era habitual. Charles Webb falava muito, como de costume, lançando a Anne olhares indagadores. Ele

se perguntava visivelmente o que ela fazia com esse conquistador do Raymond e sua filha. Sentia-me cheia de orgulho só de pensar que iria descobrir em breve. Meu pai se inclinou um pouco em sua direção enquanto ele tomava fôlego e declarou de chofre: — Tenho uma notícia, meu velho. Anne e eu vamos nos casar no dia 5 de outubro.

Ele olhava alternadamente para um e para outro, boquiaberto. Eu me alegrava. Sua mulher estava desconcertada: ela sempre tivera um fraco por meu pai.

— Meus parabéns! — gritou Webb por fim, com voz de estentor... — Mas é uma ideia magnífica! Minha cara senhora, a senhora vai cuidar de um malandro como esse, a senhora é sublime!... Garçon!... Temos de comemorar isso.

Anne sorria, suave e tranquila. Então vi o rosto de Webb iluminar-se e não me virei: — Elsa! Meu Deus, é Elsa Mackenbourg, ela não me viu. Raymond, você viu como essa moça ficou bonita?

— Pois é — disse meu pai como um feliz proprietário. Depois lembrou-se de Anne e suas feições se alteraram. Anne não deixou de notar a entonação de meu pai. Desviou o rosto num movimento rápido, dele para mim. Quando estava abrindo a boca para dizer uma coisa qualquer, inclinei-me para ela: — Anne, sua elegância provoca furor; há um homem lá que não para de olhá-la.

Eu dissera isso em tom confidencial, ou seja, alto o bastante para que meu pai ouvisse. Ele se virou no ato e viu o homem em questão.

— Não gosto disso — disse ele, e pegou a mão de Anne.

— Como eles estão apaixonados! — comoveu-se ironicamente a senhora Webb. — Charles, você não deveria ter incomodado esses namorados, teria bastado convidar a pequena Cécile.

— A pequena Cécile não teria vindo — respondi sem hesitação.

— E por quê? Você tem admiradores entre os pescadores? Certa vez, ela me vira conversando com um trocador de ônibus sentada num banco e, desde então, me tratava como uma desclassificada, como o que ela chamava de "uma desclassificada".

— É isso aí — respondi, esforçando-me para parecer alegre.

— E você pesca muito? O cúmulo era que ela se achava engraçada. Pouco a pouco, a raiva me invadia.

— Não sou especializada em bacalhau — respondi —, mas pesco.* [**Jogo de palavras sem equivalente em português, baseado na significação dupla das palavras pêcher (pescar e pecar) e maquereau (bacalhau e gigolô).* (N. da T)]

Houve um silêncio. A voz de Anne se elevou, sempre calma: — Raymond, peça por favor um canudo ao garçom. Para o meu suco de laranja.

Charles Webb aproveitou a deixa e continuou falando das bebidas refrescantes. Meu pai controlava um acesso de riso, eu percebia pela sua maneira de ficar absorto em seu copo. Anne me lançou um olhar suplicante. Ficou decidido que jantariam juntas pessoas que quase se haviam comido vivas.

Bebi muito durante o jantar. Eu precisava esquecer Anne, sua expressão inquieta quando olhava para o meu pai ou vagamente agradecida quando seus olhos se demoravam em mim. Lançava à mulher de Webb um sorriso amplo cada vez que ela me lançava uma farpa. Essa tática a desconcertava. Tornou-se rapidamente agressiva. Anne me fazia sinais para que não reagisse. Tinha horror às cenas públicas e sentia que a senhora Webb estava prestes a fazer uma. De minha parte, não me espantava, era algo comum em nosso meio. Não estava, pois, nem um pouco tensa ao escutá-la falar.

Após o jantar, fomos a uma boate de Saint-Raphaël. Pouco tempo depois de nossa chegada, Elsa e Cyril também chegaram. Elsa parou no umbral da porta, falou bem alto alguma coisa com a encarregada do vestiário e, seguida pelo pobre Cyril, entrou na sala. Pensei que ela se comportava mais como uma leviana do que como uma mulher apaixonada, mas era bonita o bastante para agir assim.

— Quem é o galante rapaz? — perguntou Charles Webb. — É bem jovem.

— É o amor — sussurrou sua mulher. — O amor lhe faz bem...

— Imagine! — disse meu pai com violência. — É um capricho, isso sim.

Olhei para Anne. Ela examinava Elsa com uma calma indiferença, como olhava para os manequins que apresentavam suas coleções ou para as mulheres muito jovens. Sem qualquer amargura. Por um instante, admirei-a profundamente por aquela ausência de mesquinhez, de ciúme. Não compreendia, aliás, como poderia ter ciúme de Elsa.

Era cem vezes mais bela, mais fina. Como eu estava bêbada, disse-lhe isso. Então, ela me olhou de modo curioso: — Eu sou mais bonita que Elsa? Você acha?

— Sem dúvida alguma!

— É sempre agradável ouvir isso. Mas você está bebendo demais, outra vez. Dê-me seu copo. Você não está triste por ver seu Cyril lá? Aliás, ele está entediado.

— É meu amante — disse eu, alegre.

— Você está completamente bêbada! É hora de voltar para casa, ainda bem! Deixamos os Webb com alívio. Circunspecta, chamei a senhora Webb de "cara senhora". Meu pai assumiu o volante, minha cabeça caiu sobre o ombro de Anne.

Pensei que a preferia aos Webb e a todas aquelas pessoas com quem costumávamos nos encontrar. Que ela era melhor, mais digna, mais inteligente. Meu pai falava pouco.

Sem dúvida, lembrava-se da chegada de Elsa.

— Ela está dormindo? — perguntou a Anne.

— Como uma garotinha. Portou-se relativamente bem. Salvo a alusão aos bacalhaus, que foi um pouco direta...

Meu pai pôs-se a rir. Houve um silêncio. Depois escutei de novo a voz de meu pai.

— Anne, eu a amo, só amo você. Acredita em mim?

— Não me diga isso tantas vezes, me dá medo...

— Dê-me sua mão. Quase me endireitei e protestei: "Não, não dirigindo à beira de um precipício." Mas estava um pouco embriagada, o perfume de Anne, o vento do mar em meus cabelos, o pequeno arranhão que Cyril me havia deixado quando nos amamos, eram todas razões para estar feliz e me calar. Adormeci.

Enquanto isso, Elsa e o pobre Cyril deviam estar enfrentando dolorosamente a estrada na moto que a mãe lhe dera em seu último aniversário. Não sei por que isso me comoveu até as lágrimas. Aquele carro era tão suave, com tão boa suspensão, tão propício ao sono... O sono, a senhora Webb não devia poder conciliá-lo naquele momento! Sem dúvida, em sua idade, eu também pagaria jovens para me amar, porque o amor é a coisa mais suave, e mais viva e mais sensata. E o preço importa pouco.

O que importava era não se tornar amarga e ciumenta, como ela era em relação a Elsa e Anne. Pus-me a rir baixinho. O ombro de Anne afundou um pouco mais. "Durma"; disse ela com autoridade. Adormeci.

No dia seguinte, acordei perfeitamente bem, com um leve cansaço, a nuca um pouco dolorida por causa de meus excessos. Como todas as manhãs, o sol banhava minha cama, afastei os lençóis, tirei a blusa do pijama e ofereci minhas costas nuas ao sol. Com o rosto sobre o meu braço dobrado, via em primeiro plano a textura do lençol de algodão e, mais adiante, sobre os ladrilhos, as hesitações de uma mosca. O sol estava suave e quente, parecia-me que atingia meus ossos sob a pele, que tinha um cuidado especial em me aquecer. Decidi passar a manhã assim, sem me mexer.

A noite anterior tornava-se pouco a pouco precisa em minha memória. Lembrei-me de ter dito a Anne que Cyril era meu amante e isso me fez rir: quando se está embriagado, diz-se a verdade e ninguém acredita. Lembrei-me também da senhora Webb e de minhas alterações com ela; eu estava habituada àquele tipo de mulheres: naquele meio e naquela idade, elas com frequência eram odiosas por causa da inatividade e da vontade de viver.

A calma de Anne fizera-me julgá-la ainda mais contaminada e aborrecida que de costume. O que, aliás, era previsível; eu não conseguia imaginar quem, dentre as amigas de meu pai, poderia sustentar por muito tempo uma comparação com Anne. Para passar noites agradáveis com aquelas pessoas, era preciso estar ou um pouco embriagado para se divertir discutindo com elas, ou ter relações íntimas com um ou outro dos cônjuges. Para o meu pai, era mais simples: Charles Webb e ele eram caçadores. "Adivinhe

quem vai jantar e dormir comigo esta noite? A pequena Mars, do filme de Saurel. Eu estava entrando na casa de Dupuis e..." Meu pai ria e dava tapas em seu ombro: "Felizardo. Ela é quase tão bonita quanto Élise": conversa de colegiais. O que os tornava agradáveis para mim era a excitação, o entusiasmo dos dois. E até, durante noites intermináveis, nos terraços dos cafés, as tristes confidências de Lombard: "Era só ela que eu amava, Raymond! Você se lembra daquela primavera, antes de ela ir embora... Que bobagem, uma vida de homem para uma única mulher!" Aquilo tinha um lado indecente, humilhante, porém caloroso, dois homens que se abrem um com o outro diante de um copo de álcool.

Os amigos de Anne não deviam jamais falar de si mesmos. Sem dúvida, nem conheciam aquele gênero de aventuras. Ou então, se falavam, devia ser rindo, com pudor.

Sentia-me prestes a partilhar com Anne aquela condescendência que ela teria por nossas relações, aquela condescendência amável e contagiosa... Entretanto, via a mim mesma aos 30 anos, mais parecida com nossos amigos que com Anne. Seu silêncio, sua indiferença, sua reserva me sufocariam. Ao contrário, dentro de 15 anos, um pouco blasé, eu me voltaria para um homem sedutor, ele também um pouco cansado: — Meu primeiro amante se chamava Cyril. Eu tinha quase 18 anos, fazia calor na praia... Divertia-me imaginando o rosto desse homem. Ele teria as mesmas pequenas rugas que meu pai. Bateram à porta. Vesti precipitadamente minha blusa de pijama e gritei: "Entre!" Era Anne, segurando com cuidado uma xícara: — Achei que você precisaria de um pouco de café... Não está se sentindo muito mal? — Muito bem — disse eu. — Acho que estava um pouco embriagada ontem à noite. — Como cada vez que se sai com você... — Pôs-se a rir. — Mas devo dizer que me distraiu... Foi uma noite longa. Eu não estava mais prestando atenção ao sol, nem ao gosto do café. Quando falava com Anne, ficava perfeitamente absorta, não mais me via existir. No entanto ela me questionava sempre, forçava-me a me julgar. Fazia-me viver momentos intensos e difíceis. — Cécile, você se diverte com esse tipo de pessoas, os Webb ou os Dupuis? — Acho sua maneira de ser insuportável no geral, mas são

engraçados. Ela também olhou o vaivém da mosca no chão. Pensei que a mosca devia estar aleijada. Anne tinha pálpebras longas e pesadas, era-lhe fácil ser condescendente. — Você nunca percebe a que ponto a conversa deles é monótona e... como diria?... pesada? Aquelas histórias de contratos, de mulheres, de noitadas, isso não a entedia? — Sabe — disse eu —, passei dez anos interna num colégio religioso e, como essas pessoas não têm senso de moral, isso ainda me fascina. Não ousava acrescentar que aquilo me agradava. — Mas após dois anos... — disse ela. — Não é uma questão de raciocínio, aliás, nem de moral, é uma questão de sensibilidade, de sexto sentido...

Eu não devia tê-lo. Sentia claramente que alguma coisa me faltava naquele ponto.

— Anne — disse eu subitamente —, você me acha inteligente? Ela pôs-se a rir, assombrada com minha pergunta direta: — Mas é claro, ora! Por que você está me perguntando isso?

— Se eu fosse idiota, você me responderia do mesmo modo — suspirei. — Você com frequência me dá a impressão de ser superior.

— É uma questão de idade — disse ela. — Seria muito embaraçoso se eu não fosse um pouco mais segura que você. Você me influenciaria!

Ela desatou a rir. Senti-me humilhada: — Não seria necessariamente um mal.

— Seria uma catástrofe — disse ela.

De repente, abandonou aquele tom leve e me olhou bem de frente nos olhos. Mexi-me um pouco embaraçada. Ainda hoje, não me posso acostumar com essa mania que as pessoas têm de nos olhar fixamente quando nos falam ou de chegar bem perto de nós para ter a certeza de que as ouvimos. Aliás, não dá certo, pois, nesses momentos, só penso em escapar, em recuar. Digo "sim, sim", multiplico as manobras para mudar de pé e fugir para o outro lado do cômodo; sou presa de fúria diante de sua insistência, sua indiscrição, essas pretensões à exclusividade. Anne, felizmente, não se sentia obrigada a me monopolizar assim, limitava-se a me olhar

sem desviar os olhos e aquele tom leve, distraído, que eu afetava para falar, se tornava difícil de manter.

— Você sabe como acabam os homens como Webb? Pensei: "E meu pai."

— Na sarjeta — respondi alegremente.

— Chega uma idade em que eles não são mais atraentes, nem estão mais "em forma", como se diz. Não podem mais beber e ainda pensam em mulheres; mas acabam sendo obrigados a pagar-lhes, a aceitar inúmeros pequenos compromissos para escapar da solidão. Eles são enganados, infelizes. É o momento que escolhem para se tornar sentimentais e exigentes... Vi muitos deles se transformarem em destroços.

— Pobre Webb! — disse eu. Eu me sentia desamparada. Tal era o fim que ameaçava meu pai, era verdade! Ao menos, o fim que o teria ameaçado se Anne não tivesse se encarregado dele.

— Você não pensa nisso — disse Anne com um pequeno sorriso de comiseração. — Você pensa pouco no futuro, não é? É o privilégio da juventude. — Por favor, não me atire assim na cara minha juventude. Uso-a o menos possível; não creio que ela me dê direito a todos os privilégios e a todas as desculpas. Não lhe dou importância.

— A que você dá importância? À sua tranquilidade, à sua independência? Eu temia aquelas conversas, sobretudo com Anne. — A nada — respondi. — Eu não penso, sabe? — Vocês me irritam um pouco, você e seu pai. "Vocês nunca pensam em nada... vocês não servem para grande coisa... vocês não sabem..." Isto lhes agrada?

— Não me agrada. Não gosto de mim, não procuro gostar. Há momentos em que você me força a complicar a vida, tenho quase raiva de você. Ela se pôs a cantarolar, com ar pensativo; eu reconhecia a canção, mas não lembrava mais qual era.

— Que música é esta, Anne? Irrita-me...

— Não sei. — Ela sorria de novo, com certo desalento na expressão. — Fique na cama, descanse, vou continuar em outro lugar minha pesquisa sobre o intelecto da família. Claro, pensei, para meu pai era fácil. Escutava-o daqui: "Não penso em nada

porque a amo, Anne." Por mais inteligente que fosse, esta razão devia parecer-lhe válida. Espreguicei-me longa e meticulosamente e mergulhei de novo no travesseiro. Eu refletia muito, apesar do que dissera a Anne. No fundo, ela, com certeza, dramatizava; dentro de 25 anos, meu pai seria um amável sexagenário de cabelos brancos, com uma pequena queda pelo uísque e pelas lembranças coloridas. Sairíamos juntos. Eu é que lhe contaria minhas extravagâncias e ele me daria conselhos. Dei-me conta de que excluía Anne desse futuro; não podia, não conseguia incluí-la. Naquele lar de pernas para o ar, às vezes desolado, às vezes invadido pelas flores, regularmente atulhado de bagagens, eu não podia sequer considerar a ordem, o silêncio, a harmonia que Anne levava por toda parte como o mais precioso dos bens. Tinha muito medo de sentir um tédio mortal; sem dúvida, temia muito menos sua influência desde que começara a amar real e fisicamente Cyril. Isso me livrara de muitos medos. Mas temia o tédio e a tranquilidade mais que tudo. Para estarmos tranquilos interiormente, era-nos necessária, a meu pai e a mim, a agitação exterior. E isso Anne não poderia admitir.

Falo muito de Anne e de mim e pouco de meu pai. Não que seu papel não tenha sido importante nesta história, nem que eu não lhe atribua interesse. Nunca amei ninguém como a ele e, de todos os sentimentos que me animavam naquela época, os que tinha por ele eram os mais estáveis, os mais profundos, aqueles que mais me eram caros.

Conheço-o demais para falar dele de bom grado e também me sinto próxima demais dele. Entretanto, é ele — mais que nenhum outro — que eu devia explicar para tornar seu procedimento aceitável. Não era um homem nem fútil nem egoísta. Mas era frívolo, de uma frivolidade sem remédio. Nem posso falar dele como de um homem sem sentimentos profundos, como de um irresponsável. O amor que me dedicava não podia ser considerado superficial nem uma simples tarefa de pai. Ele podia sofrer por minha causa mais que qualquer outra pessoa: e eu mesma, aquele desespero a que cheguei um dia, não fora ocasionado unicamente por aquele seu gesto de abandono, aquele olhar que se desviava?...

Ele nunca deixava que suas paixões me relegassem a segundo plano. Algumas noites, para me levar em casa, tivera de deixar escapar o que Webb chama de "belas ocasiões". Mas, fora isso, não posso negar, ter-se-ia deixado levar a seu bel-prazer à inconstância, à facilidade. Ele não refletia. Tentava dar a cada coisa uma explicação fisiológica que chamava de racional: "Você se acha odiosa? Durma mais, beba menos." Também agia assim a respeito do desejo violento que sentia às vezes por alguma mulher. Ele não pensava nem em reprimi-lo nem em elevá-lo até um sentimento mais complexo. Era materialista, mas delicado, compreensivo e, enfim, muito bom. Aquele desejo que sentia por Elsa o contrariava, mas não como se pode pensar. Ele não dizia a si mesmo: "Vou trair Anne. Isso significa que a amo menos", e sim, "É embaraçoso este desejo que sinto por Elsa! É preciso que se concretize depressa, senão vou ter complicações com Anne!" Além disso, amava Anne, admirava-a; ela significava uma mudança em relação à série de mulheres frívolas e um pouco tolas com as quais ele havia convivido nos últimos anos. Ela satisfazia ao mesmo tempo sua vaidade, sensualidade e sensibilidade, pois o compreendia, oferecia-lhe sua inteligência e sua experiência a confrontar com a dele. Agora, que ele se tenha dado conta da gravidade do sentimento que ela lhe dedicava, não tenho tanta certeza! Ela lhe parecia a amante ideal, a mãe ideal para mim. Pensaria: "a esposa ideal"; com tudo o que isso implica em termos de obrigações? Não creio. Estou certa de que, aos olhos de Cyril e de Anne, ele era como eu, anormal, afetivamente falando. Isso não o impedia de ter uma vida apaixonante, porque ele a considerava banal e lhe dedicava toda a sua vitalidade.

Eu não pensava nele enquanto traçava o projeto de afastar Anne de nossas vidas; sabia que se consolaria como se consolava de tudo: uma ruptura lhe custaria menos que uma vida bem-comportada; ele só era verdadeiramente tocado e minado pelo hábito e pelo esperado, como eu. Éramos da mesma estirpe, ele e eu; ora eu dizia a mim mesma que era a bela raça pura dos nômades, ora a raça pobre e ressecada dos boêmios.

Naquele momento ele sofria, pelo menos se exasperava: Elsa se havia tornado o símbolo da vida passada, da juventude, de sua juventude, sobretudo. Eu sentia que morria de vontade de dizer a Anne: "Minha querida, desculpe-me por um dia; é preciso que eu vá me certificar junto àquela moça de que não sou um velho gagá. É preciso que eu reaprenda o cansaço de seu corpo para ficar tranquilo." Mas não podia dizer-lhe isso; não pelo fato de Anne ser ciumenta ou basicamente virtuosa e intratável a esse respeito, mas porque ela devia ter aceitado viver com ele sobre as seguintes bases: que a era da orgia fácil havia acabado, que ele não era mais um colegial, mas um homem a quem ela confiara sua vida e que, conseqüentemente, tinha de estar à altura e não se comportar como um coitado, escravo de seus caprichos. Não se podia reprovar Anne por isso; era um projeto muito normal e sadio, mas não impedia meu pai de desejar Elsa. De desejá-la pouco a pouco mais que qualquer outra coisa, de desejá-la com o duplo desejo que desperta a coisa proibida. E, sem dúvida, naquele momento, eu podia facilitar tudo. Era suficiente dizer a Elsa que cedesse e, sob um pretexto qualquer, levar Anne comigo a Nice ou a outro lugar para passar a tarde. Na volta, teríamos encontrado meu pai calmo e cheio de uma nova ternura para os amores legais ou que, ao menos, deviam tornar-se legais a partir do fim das férias. Havia também esse aspecto, que Anne não suportaria nunca: ter sido uma amante como as outras, provisória. Como sua dignidade e sua autoestima nos tornavam a vida difícil! Mas eu não dizia a Elsa que cedesse nem a Anne que me acompanhasse a Nice. Queria que aquele desejo no coração de meu pai o dominasse e o fizesse cometer um erro.

Eu não podia suportar o desdém com que Anne se referia à nossa vida passada, esse desdém fácil pelo que fora para meu pai, para mim, a felicidade. Eu não queria humilhá-la, mas fazê-la aceitar nossa concepção da vida. Era preciso que ela soubesse que meu pai a havia enganado e que encarasse isso em seu valor objetivo, como um episódio apenas físico, não como um atentado ao seu valor pessoal, à sua dignidade. Se ela queria a todo custo ter razão, era preciso que nos deixasse estar errados.

Eu fingiria até ignorar os tormentos de meu pai. Sobretudo era preciso que ele não se abrisse comigo, que não me forçasse a me tornar sua cúmplice, a falar com Elsa e a afastar Anne.

Eu tinha de fingir considerar seu amor por Anne sagrado, bem como a pessoa de Anne. E devo dizer que não me era nada difícil. A ideia de que ele pudesse enganar Anne e afrontá-la me enchia de terror e de vaga admiração.

Enquanto isso, passávamos dias felizes: eu multiplicava as ocasiões de fazer com que meu pai se excitasse com Elsa. O rosto de Anne já não me enchia de remorsos.

Às vezes, imaginava que ela aceitaria o fato e que teríamos com ela uma vida tão de acordo com os nossos gostos quanto os seus. Por outro lado, via Cyril com frequência e nos amávamos às escondidas. O cheiro dos pinheiros, o barulho do mar, o contato de seu corpo... Ele começava a se torturar de remorsos, o papel que eu o fazia desempenhar desagradava-lhe ao máximo; ele só o aceitava porque eu o fazia acreditar que era necessário ao nosso amor. Tudo isso representava muita duplicidade, silêncios interiores, mas tão poucos esforços, mentiras! (E, como disse, apenas meus atos me constroem a me julgar.) Passo rapidamente sobre esse período, pois temo que, de tanto procurar, esbarre em lembranças sufocantes. Já é suficiente pensar no riso feliz de Anne, em sua gentileza para comigo, e alguma coisa me golpeia, um rude golpe baixo me dói, me insurjo contra mim mesma. Sinto-me tão perto do que se chama sentimento de culpa que sou obrigada a recorrer a gestos: acender um cigarro, pôr um disco, telefonar a um amigo. Pouco a pouco, penso em outra coisa. Mas não gosto disso: ter de recorrer às deficiências de minha memória, à leviandade de meu espírito, em vez de combatê-las. Não gosto de reconhecê-las, nem para me vangloriar delas.

É engraçado como a fatalidade tem o prazer de escolher para representá-la rostos indignos ou medíocres. Naquele verão, adotara o de Elsa. Um rosto muito bonito, poder-se-ia dizer, mais atraente que bonito. Ela também tinha um riso extraordinário, comunicativo e pleno, como só as pessoas um pouco tolas têm.

Daquele riso, eu reconhecera rapidamente os efeitos sobre o meu pai. Fazia com que Elsa o utilizasse ao máximo, quando devíamos "surpreendê-la" com Cyril. Dizia-lhe: "Quando você me escutar chegar com meu pai, não diga nada, mas ria." E então, ao escutar aquele riso pleno, eu descobria no rosto de meu pai a passagem do desejo.

O papel de diretora não deixava de me apaixonar, jamais errava o alvo; pois, quando víamos Elsa e Cyril juntos, exibindo à luz do dia vínculos imaginários, mas tão perfeitamente imagináveis, meu pai e eu empalidecíamos juntos, o sangue fugia de meu rosto como do seu, levado para bem longe por esse desejo de posse pior que a dor. Cyril, Cyril inclinado sobre Elsa... Essa imagem me devastava o coração e eu a planejava com ele e Elsa sem compreender sua força. As palavras são fáceis, contagiantes; e, quando via o contorno do rosto de Cyril, sua nuca morena e suave inclinada sobre o rosto entregue de Elsa, daria qualquer coisa para que aquilo não existisse. Esquecia que eu mesma traçara aqueles planos.

Fora esses acidentes, e dando plenitude à vida cotidiana, havia a confiança, a doçura — é-me difícil empregar este termo —, a felicidade de Anne. Mais perto da felicidade como eu jamais a vira, entregue a nós, os egoístas, muito longe de nossos desejos violentos e de minhas pequenas manobras baixas. Eu contara com aquilo: sua indiferença e seu orgulho a livravam por instinto de qualquer tática destinada a ligá-la mais estreitamente a meu pai e, de fato, de qualquer vaidade além da de ser bela, inteligente e terna. Enterneci-me pouco a pouco por ela; a ternura é um sentimento agradável e contagiante como a música militar. Não posso ser reprovada por isso. Uma bela manhã, a arrumadeira, muito agitada, me trouxe um recado de Elsa que dizia: "Tudo se cumpre, venha!" Aquilo me deu uma impressão de catástrofe: detesto os desfechos. Por fim, encontrei Elsa na praia, com o rosto triunfante: — Finalmente acabo de ver seu pai, há uma hora.

— Que lhe disse ele? — Disse que lamentava infinitamente o que havia acontecido; que ele se portara como um grosseiro. É bem verdade... não? Senti-me na obrigação de concordar. — Depois me

elogiou como só ele sabe fazer... Você sabe, aquele tom um pouco ausente, e numa voz muito baixa, como se lhe doesse... aquele tom...

Arranquei-a das delícias do idílio: — Para chegar a quê?

— Bem, a nada... Ou melhor, sim, ele me convidou a tomar chá com ele na aldeia e que eu deveria concordar para provar que eu não era rancorosa e que tinha ideias amplas, evoluídas: As ideias de meu pai sobre a evolução das jovens ruivas eram de uma natureza que me alegrava.

— Por que você ri? Devo ir? Quase respondi que não era da minha conta. Depois percebi que ela me atribuía a responsabilidade pelo sucesso de suas manobras. Com ou sem razão, aquilo me irritou.

Sentia-me encurralada. — Não sei, Elsa, depende de você; não me pergunte sempre o que você deve fazer, qualquer um acreditaria que sou eu que a levo a...

— Mas é você — disse ela —, é graças a você, claro. Sua entonação admirativa me causara um temor repentino.

— Vá se quiser, mas não me fale mais de tudo isso, por piedade!

— Mas... é preciso livrá-lo daquela mulher... Cécile!

Fugi. Que meu pai fizesse o que quisesse, que Anne se virasse. Aliás, eu tinha um encontro marcado com Cyril.

Parecia-me que o amor, e apenas ele, me livraria daquele medo desgastante que eu sentia.

Cyril me tomou em seus braços e, sem uma palavra, me carregou. Perto dele, tudo se tornava fácil, repleto de violência, de prazer. Algum tempo depois, deitada sobre ele, sobre aquele dorso dourado, inundado de suor, eu mesma esgotada, perdida como uma naufraga, disse-lhe que me detestava. Disse-lhe sorrindo, pois pensava assim, mas sem dor, com uma espécie de resignação agradável. Ele não me levou a sério. — Pouco importa. Amo-a o bastante para obrigá-la a concordar comigo. Eu a amo, eu a amo tanto... O ritmo daquela frase me perseguiu durante toda a refeição: "Eu a amo, eu a amo tanto!" Eis por que, apesar de meus esforços, não me lembro mais muito bem daquele almoço. Anne

usava um vestido violeta como as sombras sob os seus olhos, como seus próprios olhos. Meu pai ria, aparentemente calmo: a situação lhe era favorável. Na hora da sobremesa, avisou que faria compras na aldeia, de tarde. Sorri internamente. Eu estava cansada, fatalista. Só tinha uma vontade: mergulhar no mar. Às quatro horas, desci até a praia. Encontrei meu pai no terraço, de saída para a aldeia; não lhe disse nada. Sequer recomendei-lhe prudência. A água estava morna. Anne não foi, precisava trabalhar em sua coleção, desenhar no quarto enquanto meu pai bancava o romântico com Elsa. Ao cabo de duas horas, como o sol já não me aquecia, voltei para o terraço, sentei-me numa poltrona, abri um jornal. Foi então que Anne apareceu; vinha do bosque. Corria mal, aliás, desajeitadamente, os cotovelos colados no corpo. Tive a impressão súbita, indecente, de que era uma velha senhora que corria, que ia cair. Fiquei desarvorada: ela desapareceu atrás da casa, em direção à garagem. Então compreendi e pus-me a correr, também eu, para alcançá-la.

Já estava em seu carro, ligando o motor. Cheguei correndo e atirei-me contra a porta.

— Anne — disse eu —, não vá embora, é um erro, é culpa minha, eu lhe explicarei... Ela não me escutava, não me olhava, inclinava-se para soltar o freio de mão: — Anne, nós precisamos de você! Endireitou-se, então, desfeita. Chorava. De repente, compreendi que eu investira contra um ser vivo e sensível, e não contra uma entidade. Ela fora uma garotinha, um pouco introvertida, depois uma adolescente, mais tarde, uma mulher. Tinha 40 anos, era só, amava um homem e esperava ser feliz com ele 10, 20 anos talvez. E eu... aquele rosto, aquele rosto era obra minha. Eu estava paralisada, todo o meu corpo tremia contra a porta.

— Você não precisa de ninguém — murmurou ela. — Nem você nem ele. O motor estava em marcha. Eu me desesperava, ela não podia partir assim: — Perdoe-me, eu lhe suplico...

— Perdoar-lhe o quê? As lágrimas rolavam ininterruptamente sobre o seu rosto. Ela não parecia dar-se conta, com o rosto imóvel: — Minha pobre garotinha... Pousou por um segundo a mão em meu

rosto e partiu. Vi o carro desaparecer detrás da casa. Eu estava perdida, desorientada... Tudo acontecera tão depressa. E aquele rosto, aquele rosto... Escutei passos atrás de mim: era meu pai. Ele levava o tempo suficiente de remover o batom de Elsa e de tirar as agulhas de pinheiros da roupa. Virei-me e atirei-me contra ele: — Nojento, nojento! Pus-me a soluçar.

— Mas o que está acontecendo? Foi Anne?... Cécile, diga-me, Cécile...

Nos encontramos na hora do jantar, os dois ansiosos por aquele tête-à-tête subitamente reconquistado. Eu não tinha fome, nem ele. Nós dois sabíamos que a volta de Anne nos era indispensável. De minha parte, eu não suportaria por muito tempo a lembrança do rosto transtornado que ela me mostrara antes de partir, nem a ideia de seu sofrimento e de minha responsabilidade. Esquecera minhas pacientes manobras e meus planos tão bem arquitetados. Senti-me completamente desorientada, sem guia nem mapa, e via o mesmo sentimento no rosto de meu pai.

— Você acha — disse ele — que ela nos abandonou por muito tempo?

— Com certeza foi para Paris — respondi. — Paris... — murmurou meu pai sonhadoramente. — Talvez não a vejamos mais...

Ele me olhou, desamparado, e segurou minha mão por sobre a mesa: — Você deve estar furiosa comigo. Não sei o que me deu... Voltando pelo bosque com Elsa, ela... Bem, beijei-a, e Anne deve ter chegado naquele momento e...

Não o escutava. As pessoas de Elsa e de meu pai abraçadas à sombra dos pinheiros se me afiguravam burlescas e sem consistência, não dava para imaginar. A única coisa viva e cruamente viva daquele dia era o rosto de Anne, aquele último rosto, marcado pela dor, aquele rosto traído. Peguei um cigarro no maço de meu pai, acendi-o. Outra coisa que Anne não tolerava: que se fumasse no meio das refeições. Sorri para o meu pai: — Compreendo muito bem: não é culpa sua... Um momento de loucura, como se diz. Mas é preciso que Anne nos perdoe, quer dizer "o" perdoe.

— Que fazer? — perguntou. Estava muito abatido, ele me dava pena, senti pena de mim também; por que Anne nos abandonara assim, fazendo-nos sofrer por um deslize, em suma? Não tinha por acaso deveres conosco?

— Vamos escrever a ela — disse eu — e pedir perdão.

— É uma ideia de gênio — gritou meu pai. Por fim, ele encontrara um meio de sair daquela inação em que nos debatíamos há três horas.

Sem terminar de comer, empurramos a toalha e os talheres, meu pai foi buscar uma luminária grande, canetas, um tinteiro, seu papel de cartas, e nos instalamos um em frente ao outro, quase sorridentes, de tal modo que a volta de Anne, por obra e graça daquela encenação, nos parecia provável. Um morcego veio descrever curvas delicadas diante da janela. Meu pai inclinou a cabeça e começou a escrever.

Não posso lembrar sem um sentimento insuportável de zombaria e de crueldade as cartas transbordantes de bons sentimentos que escrevemos a Anne naquela noite. Nós dois sob a luminária, como dois colegiais aplicados e desajeitados, trabalhando em silêncio naquele dever impossível — "trazer Anne de volta": No entanto, fizemos duas obras-primas do gênero, cheias de boas desculpas, de ternura e arrependimento. Ao terminar, por pouco eu não estava convencida de que Anne não poderia resistir, de que a reconciliação era iminente. Já via a cena do perdão, cheia de pudor e de humor... Teria lugar em Paris, em nosso salão, Anne entraria e... O telefone tocou. Eram dez horas. Trocamos um olhar assombrado, depois cheio de esperança: era Anne, para dizer que nos perdoava e que voltaria. Meu pai saltou para o telefone, gritou "alô" com uma voz alegre. Depois não disse mais que "Sim, sim! Onde? Sim"; com uma voz inaudível. Levantei-me por minha vez: o medo estremecia em mim. Olhava meu pai e aquela mão que ele passava no rosto, num gesto instintivo. Por fim, desligou suavemente, virou-se para mim e disse: — Ela sofreu um acidente. Na estrada de Esterel. Eles levaram algum tempo para encontrar seu endereço! Telefonaram para Paris e de lá deram nosso número daqui. Ele falava de forma mecânica, num tom monocórdio, e eu

não me atrevia a interromper: — O acidente ocorreu no lugar mais perigoso. Há muitos naquele lugar, parece. O carro caiu de uma altura de cinquenta metros. Teria sido um milagre se ela se salvasse... Do resto daquela noite, lembro-me como de um pesadelo. A estrada surgindo sob a luz dos faróis, o rosto imóvel de meu pai, a porta da clínica... Meu pai não quis que eu a revisse. Eu estava sentada na sala de espera, num banquinho, olhava uma litografia representando Veneza. Não pensava em nada. Uma enfermeira me contou que era o sexto acidente naquele lugar desde o começo do verão. Meu pai não voltava.

Então pensei que, em razão de sua morte, uma vez mais Anne se distinguia de nós. Se nos suicidássemos — admitindo que tivéssemos coragem para tanto —, meu pai e eu, seria com uma bala na cabeça, deixando um bilhete explicativo destinado a perturbar para sempre o sangue e o sono dos responsáveis. Mas Anne nos oferecera o presente suntuoso de nos deixar uma enorme chance de acreditar num acidente: um lugar perigoso, a instabilidade de seu carro. Este presente que seríamos fracos o bastante para aceitar. E, aliás, se hoje falo de suicídio, é muito romanesco de minha parte. Pode alguém se suicidar por seres como meu pai e eu, seres que não precisam de ninguém, nem vivo nem morto? Meu pai e eu, aliás, nunca falamos senão de um acidente. No dia seguinte, voltamos para casa por volta de três da tarde. Elsa e Cyril nos esperavam, sentados nos degraus da escada. Ergueram-se diante de nós como personagens pálidos e esquecidos: nenhum deles havia conhecido Anne, nem a amado. Estavam lá, com seus pequenos romances, o duplo engodo de sua beleza, de seu embaraço.

Cyril deu um passo em minha direção e colocou a mão em meu braço. Olhei-o: nunca o havia amado. Eu o achara bom e atraente; amara o prazer que ele me proporcionava; mas não precisava dele. Eu iria partir, deixar aquela casa, aquele rapaz e aquele verão. Meu pai estava comigo, tomou-me o braço por sua vez e entramos em casa. Na casa, havia o casaco de Anne, suas flores, seu quarto, seu perfume. Meu pai fechou as venezianas, pegou uma garrafa na geladeira e dois copos. Era a única solução a

nosso alcance. Nossas cartas de desculpas ainda estavam largadas em cima da mesa. Empurrei-as com a mão, elas rodopiaram no assoalho. Meu pai, que voltava com o copo cheio, hesitou, depois evitou pisá-las. Achei tudo aquilo simbólico e de mau gosto. Peguei meu copo entre as mãos e engoli seu conteúdo de um trago. O cômodo estava na semiobscuridade, eu via a sombra de meu pai diante da janela. O mar quebrava na praia.

Em Paris, houve o enterro sob um belo sol, a multidão curiosa, o luto. Meu pai e eu apertamos as mãos das velhas parentas de Anne. Eu as olhava com curiosidade: elas teriam com certeza vindo tomar chá em nossa casa, uma vez por ano. Meu pai era olhado com comiseração: Webb devia ter espalhado a notícia do casamento. Vi Cyril, que me procurava na saída. Evitei-o. Meu sentimento de rancor em relação a ele era totalmente injustificado, mas não podia evitá-lo... As pessoas à nossa volta lamentavam o estúpido e horrível acontecimento e, como eu ainda tinha certas dúvidas sobre o lado acidental daquela morte, aquilo me agradava. No carro, na volta, meu pai pegou minha mão e apertou-a na sua. Pensei: "Você não tem mais ninguém senão a mim, eu não tenho mais ninguém senão a você, estamos sós e infelizes"; e pela primeira vez chorei. Eram lágrimas bastante agradáveis, não se pareciam em nada com aquele vazio, aquele terrível vazio que eu sentira naquela clínica diante da litografia de Veneza. Meu pai estendeu seu lenço, sem uma palavra, o rosto devastado.

Durante um mês, vivemos como um viúvo e uma órfã jantando juntos, almoçando juntos, sem sair. Falávamos um pouco sobre Anne às vezes: "Você lembra o dia em que..." Falávamos com precaução, desviando os olhos, com receio de nos fazer sofrer ou de que alguma coisa se desencadeasse em um de nós e conduzisse a palavras irreparáveis. Aquelas prudências, aquelas dores recíprocas, foram recompensadas. Em pouco tempo, pudemos falar de Anne num tom normal, como de um ser querido com quem teríamos sido felizes, mas que Deus chamara. Escrevo Deus em lugar de acaso; mas não acreditávamos em Deus. Já era uma dádiva naquela circunstância acreditar no acaso. Depois, um dia, em casa de uma amiga, encontrei um de seus primos que me agradou e a quem

agradei. Saí bastante com ele durante uma semana, com a frequência e a imprudência do começo do amor, e meu pai, pouco afeito à solidão, fizera o mesmo com uma jovem bastante ambiciosa. A vida recomeçou como antes, tal como previsto. Quando nos encontramos, meu pai e eu rimos juntos, relatamos nossas conquistas. Ele deve imaginar que minhas relações com Philippe não são platônicas e eu bem sei que sua nova amiga lhe custa muito caro.

Mas somos felizes. O inverno está chegando ao fim, não alugaremos outra vez a mesma casa, mas outras, perto de Juanles-Pins.

Só quando estou na cama, ao amanhecer, apenas com o barulho dos carros em Paris, minha memória às vezes me trai: o verão retorna com todas as suas lembranças.

Anne, Anne!, repito este nome muito baixo e por muito tempo no escuro. Alguma coisa se ergue então em mim, a que acolho chamando por seu nome, com os olhos fechados.

Bom dia, Tristeza.

FIM

Fonte do arquivo .doc

EXPRESSO LITERÁRIO